



OLISIPO

Boletim Trimestral do GRUPO AMIGOS DE LISBOA
ANO XXVII - Outubro de 1964 - Número 108



COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º - Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. João Augusto Bexiga

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvio Guimarães

COMPRAMOS
LIVROS DE BONS AUTORES
—
Grandes e pequenas quantidades

Livraria «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58 • Telef. 32 86 63 • LISBOA

A
LEGAL & GENERAL

agradece aos
«AMIGOS DE LISBOA»
a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros

Capital e Reservas:

550 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

AGÊNCIA DE TURISMO

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
FOLHA DE FLANDRES
E AÇÓIS
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET"-DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7
Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA



viaje pela



seguro na



Os nossos antepassados, quando viajavam, faziam-no com a segurança, rapidez e conforto que os meios de então lhe permitiam... As exigências da vida moderna tudo transformaram. Para um eficiente apoio ao apressado viajante dos nossos dias a STAR oferece, através de uma rede mundial de correspondentes, a experiência de todos os seus serviços, e a ATLAS, Companhia de Seguros — a cómoda tranquilidade de um seguro de viagens.

Oferta

27. JUL. 1966

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXVII

OUTUBRO DE 1964

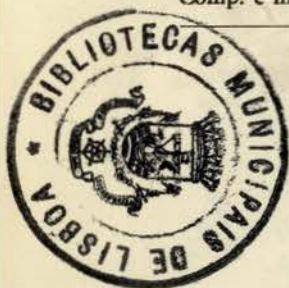
NÚMERO 108

Director, o Presidente da Junta Directiva
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16



SUMÁRIO

	Pág.
NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA NA EVOCAÇÃO MARÍTIMA pelo <i>Comandante Jayme do Inso</i> ...	167
UM DOCUMENTO OLISIPONENSE DE 1824 pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i> ...	175
RONDA EVOCATIVA ATRAVÉS DE UM QUARTO DE SÉCULO por <i>Teodoro Lopes Ramos</i> ...	177
APRESENTAÇÃO DO PRIMEIRO VOLUME DOS «CONTOS POPULARES E LENDAS», COLIGIDOS POR LEITE DE VASCONCELLOS pelo <i>Dr. Paulo Caratão Soromenho</i> ...	181
O BAIRRO ALTO DE ONTEM E DE HOJE por <i>Teodoro Lopes Ramos</i> ...	190
CATÁLOGO DA COLEÇÃO DE MEDALHAS, pertencentes a Arménio da Cunha Mendonça...	197
ACTIVIDADE CULTURAL do terceiro trimestre de 1964...	227
OFERTAS AO GRUPO...	230
FEIRA DA LADRA...	232

CAPA: Palácio Palmela, ao Lumiar — Desenho de *J. A. Videira*.

VINHETAS de *Figueiredo Sobral*.

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

NOSSA SENHORA
DA PENHA DE FRANÇA
NA
EVOCAÇÃO MARÍTIMA

pelo Comandante JAYME DO INSO

As tradições marítimas andam intimamente associadas às tradições religiosas da nossa gente.

A Imagem da Virgem de Ceuta tornou-se um símbolo histórico-religioso, que marcou o início da expansão sonhada pelo Grande Infante desde a tomada de Ceuta, em 1415.

Símbolo tão fortemente arreigado ao antigo baluarte agareno, que ainda lá se conserva como relíquia querida da população da cidade, sobrevivendo às convulsões políticas e ao desgaste dos séculos. Os próprios ulemas, se não se associavam ostensivamente às manifestações religiosas dedicadas à Virgem, encaravam-nas complacientemente. Hoje, que um vento de insânia sacode o Mundo, não sabemos que evolução se terá operado naquele extraordinário cenário de um dos alicerces da Lusitanidade.

Aquela Imagem, talhada em pedra de Ançã, foi oferecida pelo Infante, sob a invocação de Santa Maria de África, aos habitantes de Ceuta e, após a conquista desta «gloriosa escola de guerreiros», mandou erigir-lhe uma igreja; a mesma Imagem também ficou sendo conhecida pelo nome de Santa Maria de África e Padroeira de Ceuta, tornando-se famosa pelos milagres que lhe foram atribuídos.

Conquistada a Praça, D. João I nomeou seu primeiro Governador D. Pedro de Meneses, entregando-lhe como bastão um pequeno toro

de zambujeiro que servia para jogar a choca, com uma pega de osso e ponteira de chifre preto, que foi enfiado no pulso da Imagem, passando a ser usado até hoje nas investidas dos Governadores da Praça.

Possui o Museu de Marinha uma meticolosa reprodução desta Imagem, executada por um hábil artista, o Sr. Alberto Cutileiro, conhecedor de Marrocos e que ali se deslocou em 1960, exclusivamente para proceder ao trabalho.

Lisboa também possui uma Imagem da Virgem, que é de particular devoção da gente do mar, conhecida pelo nome de Nossa Senhora da Penha de França. Revestem-se de interesse histórico-religioso as tradições ligadas a esta Imagem, como resumidamente passamos a expor.

Habitava em Lisboa, no reinado de D. Sebastião, António Simões, de seu mister oficial dourador, o qual, provavelmente pouco afeito a aventuras de capa e espada, não foi voluntário, mas como recrutado, aos campos fatídicos de Alcácer-Quibir.

Envolvido na peleja e mal acreditando que pudesse escapar com vida, encomendou-se à Virgem, prometendo que se regressasse à Pátria lhe dedicaria nove imagens de diferentes títulos e invocações. E assim fez. Apenas chegou meteu mãos à obra, mas teve de suspender o cumprimento do voto, porque não lhe ocorria nome algum que lhe agradasse conferir à última das imagens. Apreensivo e ansioso pela resolução do problema, esta surgiu-lhe como por milagre, ao cruzar-se com o padre jesuíta Inácio Martins — cujo nome ficou ligado a esta história — que, sem se deter nem acrescentar outras palavras, apenas lhe disse: «Lembre-se do devotíssimo título da Penha de França».

Radiante de alegria, logo ampliou o seu voto, prometendo erguer uma igreja em que a Imagem fosse venerada e, buscando o melhor sítio, encontrou-o no Cabeço de Alperche, nos arredores de Lisboa de então, onde hoje se encontra, e ali edificou em 1598 a primeira igreja de Nossa Senhora da Penha de França, não sem que a escolha tivesse dado lugar a outra lenda. Quanto à denominação, depara-se-nos uma cronologia um tanto confusa.

Por graça divina, haveria sido revelada a certo monge francês a existência, perto de Ciudad Rodrigo, no cume de uma serra, chamada Penha de França — por ali se terem refugiado alguns franceses em tempos de perseguições — duma Imagem da Mãe de Deus,



enterrada naquele local e que o monge foi procurar, escavando a terra, e erigindo-lhe uma ermida, que passou a ser visitada por peregrinos de várias nacionalidades, principalmente portugueses.

E mais nos confunde a citação de que a dita Imagem foi levada a D. João II, que a fez entregar aos religiosos de S. Domingos⁽¹⁾.

Em 1599, como grassasse a peste em Lisboa, por forma assustadora, sem que houvesse tempo para enterrar os mortos, resolveram os vereadores e procuradores da cidade recorrer à Santa Imagem; entre outras manifestações, realizou-se a chamada «procissão do ferrolho», durante a qual, diz a tradição, a gente do povo foi batendo ao ferrolho das portas das casas para que os moradores se associassem, contribuindo com os seus óbolos, tomando parte no voto. A epidemia foi desaparecendo e desde logo aquela Imagem foi considerada como protectora de Lisboa.

Em Janeiro do mesmo ano partiu para a Índia uma armada de sete navios, levando como capitão-mor D. Jerónimo Coutinho, e como a peste se tivesse desenvolvido a bordo a ponto de se recear que ficassem os navios desguarnecidos no mar, D. Jerónimo Coutinho, que era grande devoto da referida Imagem, na altura do Cabo da Boa Esperança, em 20 de Maio, reuniu os seus oficiais, acordando em que se fizesse um voto a Nossa Senhora e ali se constituísse uma irmandade, da qual foi eleito presidente. O voto cumpriu-se no regresso da Índia.

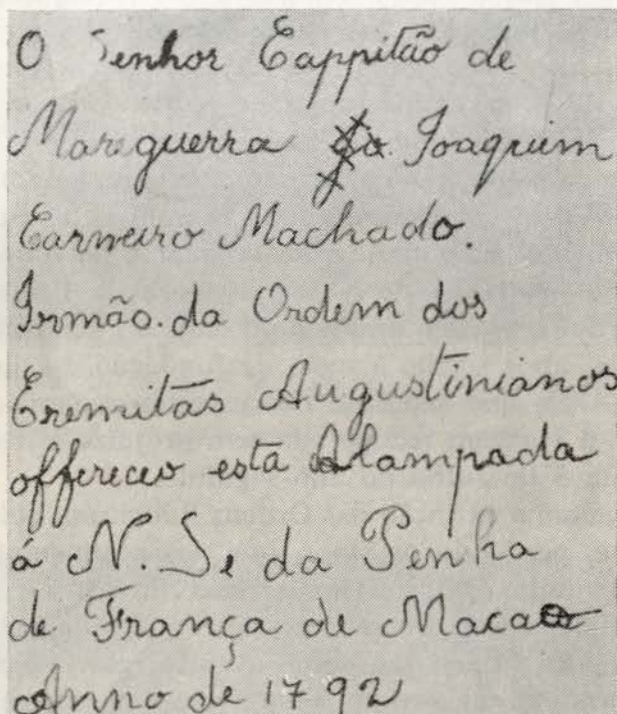
Esta primeira irmandade, cujos estatutos foram aprovados por provisão régia de 1609, durante dez anos só comportou marítimos, se bem que os capitães-mores das naus da Índia fossem sempre juizes da confraria.

Verificou-se, assim, como a devoção desta Imagem se encontra fortemente arreigada nos nossos mareantes, não sendo, pois, de estranhar que na sua igreja se encontrem ainda alguns «ex-votos» dos nossos antigos navegadores.

Ainda mais: esta devoção estendeu-se ao Extremo-Oriente e em Macau, por exemplo, encontra-se num monte, chamado da Penha, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, onde já existiu um «ex-voto» oferecido à mesma Imagem, como se depreende duma legenda que há tempos nos foi enviada por um camarada em serviço naquela Província, reproduzida numa das gravuras.

(1) Estas notas foram colhidas numa interessante publicação intitulada *O Santuário de Nossa Senhora da Penha de França em Lisboa*, de 1951 — que gentilmente nos foi oferecida pelo Reverendo Prior da freguesia do mesmo nome, o Padre João de Brito Almeida Atanásio — publicação reproduzida da 3.ª edição de 1903, sem que haja conhecimento da 1.ª, há muito tempo esgotada. É de admitir que na série de reproduções tivessem ocorrido lapsos, que possam ser esclarecidos por outros documentos.

Os «ex-votos» dos navegantes são geralmente constituídos por quadros ou modelos de barcos em que navegaram e são estes os que mais interessam do ponto de vista arqueológico, pois neles se poderão encontrar elementos que por vezes faltam para reconstituir certos tipos de navios, dos quais os antigos construtores não nos deixaram planos suficientemente elucidativos, do casco, aparelho e velame.



O Senhor Capitão de
Marquerra Sr. Joaquim
Carneiro Machado.
Irmão. da Ordem dos
Eremitas Augustinianos
offerceu esta Lampada
á N. S. da Penha
de França de Macau
Anno de 1792

*Legenda de um antigo «ex-voto» oferecido a
Nossa Senhora da Penha de França de Macau
(Escala natural)*

Este assunto interessa tanto os estudiosos que em Espanha se publicou um livro intitulado *Ex-Votos Marineros*, Madrid, 1934.

Ao percorrermos o Museu Naval de Madrid, em 1952, tivemos oportunidade de observar alguns «ex-votos», entre os quais a reprodução de um que existiu no Santuário de Utrera, uma povoação da Andaluzia — modelo dum galeão espanhol do século XVII.

Em tempos, numa visita à igreja de Nossa Senhora da Penha de França, deparou-se-nos na sacristia, dependurado do tecto, o modelo dum navio que posteriormente soubemos ser o da nau «Nossa

Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcântara», depois chamada «Princesa da Beira». Por isso, fomos com um camarada muito dedicado às nossas coisas do mar, o Comandante António Marques Esparteiro, visitar aquela igreja, onde o Reverendo Pároco, pela forma mais cativante, nos expôs uma valiosa documentação ali guardada, entre a qual os restos do modelo da referida nau, já retirado do local primitivo e que o tempo reduziu a destroços, que só poderão ser reconstituídos por técnicos especializados.

Mas voltemos ao templo e às tradições da Santa Imagem. Em Abril de 1756, o capitão-de-mar-e-guerra Gaspar Pinheiro da Câmara Manuel, comandante da nau «Nossa Senhora das Brotas», largou de Lisboa para a Baía, dando comboio à frota respectiva, regressando ao Tejo em Dezembro do mesmo ano. O comandante, durante a comissão, uma noite caiu ao mar e salvou-se por se ter encomendado à protecção de Nossa Senhora da Penha de França.

Em 1625 foi o templo ampliado e em 1754 foi primorosamente restaurado mas, após século e meio da fundação, foi destruído pelo terramoto de 1755, que sepultou nos escombros cerca de trezentas vítimas, sendo a Imagem recuperada sem prejuízo e instalada numa nova igreja, em 3 de Julho do ano seguinte.

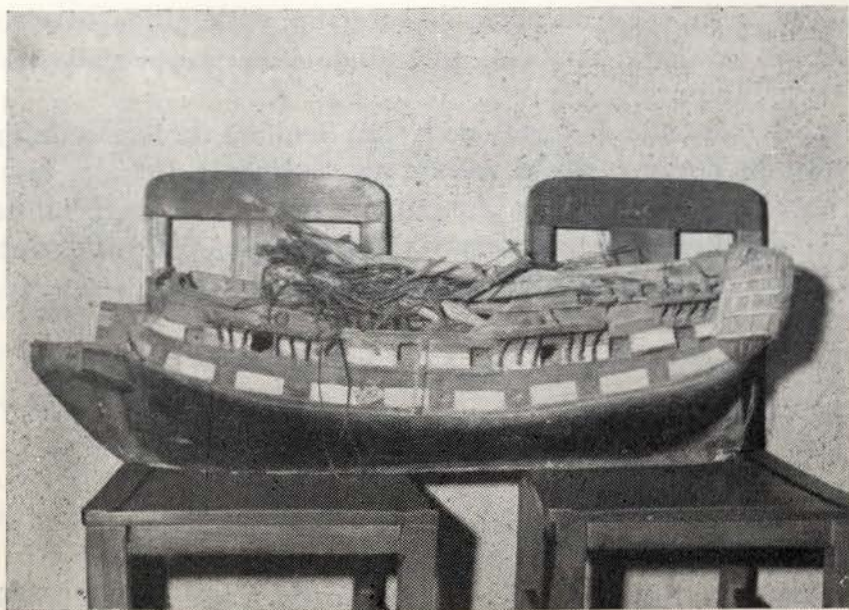
Em 1834, com a extinção das Ordens Religiosas, sofreu o templo um rude golpe, perdendo os sinos, que passaram para a igreja da Encarnação, e muitas das suas mais ricas alfaias.

Resta referir-nos a outra tradição: a do Lagarto da Penha, citado numa época já remota, como a «principal insígnia pela qual se conhece nesta capital e neste reino a prodigiosa e milagrosíssima Imagem de Nossa Senhora da Penha de França».

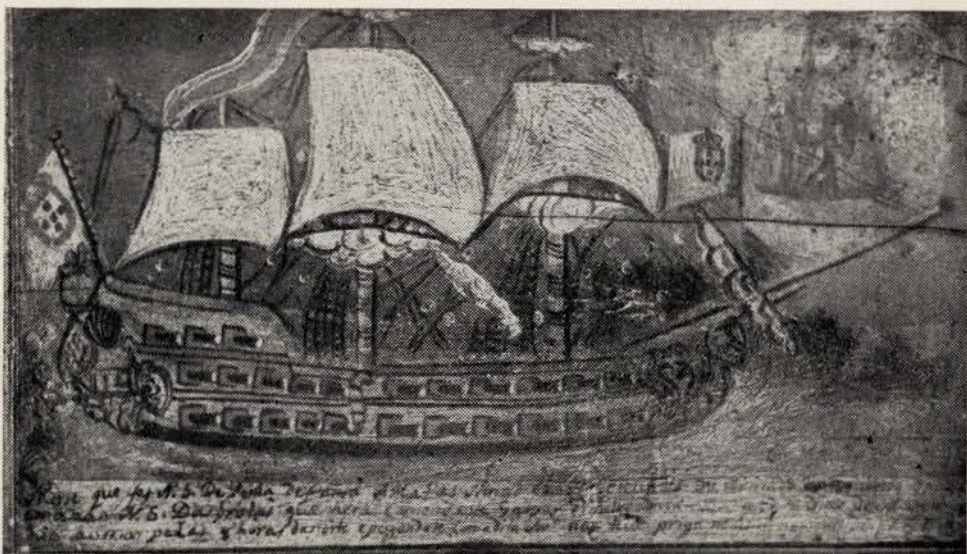
Diz a lenda que um peregrino chegou tão cansado junto do morro que se deitou e adormeceu, sendo acordado por uma aparição resplandecente da Virgem, o que lhe permitiu livrar-se de ser devorado por um enorme sáurio de 14 palmos de comprimento.

O monstro foi logo morto, conservando-se-lhe a pele cheia de palha numa dependência da igreja e, é curioso, os devotos pediam e guardavam, como relíquias, pedaços de pele, mas, como no decorrer do tempo se fosse decompondo, em 1739 foi substituído por outro igual, de madeira entalhada e pintada a cores, conservando-se na chamada «casa do lagarto».

Parece que esta reprodução desapareceu no terramoto de 1755 e mais tarde reconstituída outra, também de madeira, que foi colo-



O que resta do «ex-voto» da nau «Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcântara», depois chamada «Princesa da Beira», que vai ser restaurada nas oficinas do Museu de Marinha



A nau «Nossa Senhora das Brotas», cujo comandante, em 1756, caiu ao mar de noite, oferecendo a Nossa Senhora da Penha de França um pequeno quadro a óleo, como «ex-voto»

cada na parte superior da porta da sacristia, onde ainda se encontra, para não se perder a tradição, que ainda ficou perpetuada nalguns locais do edifício.

Se a Irmandade da igreja de Nossa Senhora da Penha de França tem prestado desde o início relevantes serviços à Urbe, a que hoje ali se encontra tem vindo a contribuir, por forma notável, para a educação da juventude da nossa querida Lisboa, antiga Rainha do Mar e, hoje ainda, da Lusitanidade.

Outubro de 1964.

ADITAMENTO

A páginas 16 e 14 do Jornal *Diário de Notícias*, n.º 35.456, de 15 de Novembro de 1964, no artigo assinado pelo Sr. André Massil, encontram-se desenvolvidas referências ao culto de estado a Nossa Senhora da Penha de França em várias localidades do Brasil.



UM DOCUMENTO OLISIPONENSE

de

1824

O documento que ora se publica é uma certidão escrita em pergaminho do exame de Mestre do ofício de Sombreiroiro nesta cidade de Lisboa e seu Termo.

É passada a favor de José Manuel Leal e tem a data de 9 de Dezembro de 1824; é assinada por João Caetano Carreira Guerra e Gregório José Gonçalves, Juizes examinadores do referido ofício na cidade de Lisboa e seu Termo por aprovação do Ex.^{mo} Senado da Câmara. Foi escrita por Domingos José Guerreiro, escrivão, que também a assina.

Na parte superior tem impresso um selo de tinta de óleo que consta do escudo nacional sobre uma esfera armilar, encimada por coroa real com uma legenda sobre uma fita sobreposta à coroa que diz «Cauza Pública» e a seguir a nota manuscrita «— Pg Mil e seiscentos I. de sello — Lx^a 20 de Dezbr^o de 1824 — n^o 20» e uma assinatura.

Este pergaminho, cujos dizeres se vêem na gravura junto, está dobrado ao meio e mede na sua totalidade 48 cms × 31 cms e na face anterior, ou seja na primeira página, tem manuscrito o seguinte:

«O Marquez d'Olhão da Restauração do Concelho Del Rey Meu Senhor, Monteiro Mór do Reyno, Comendador da Ordem de Christo. Presidente do Senado da Câmara. Desembargadores e Conselheiros Vereadores. Procuradores desta cidade de Lisboa — Mes-

tres etc. Fazemos saber aos que esta nossa carta de nomeação virem que nós damos licença a José Manuel Leal contheúdo na certidão retro escrita de seu rogo para que possa uzar do seu officio de sombreireiro com loja aberta assim como estava a uzo para quando examinados. Não uzar de previlégio algum responder perante a Almd^{as} dos Ex^{os} — Desg do Senado. (?) será passada pela Chancelaria da Cidade, onde se registará Pagou desta mil quatrocentos e oitenta reis. Lisboa dez de Fevereiro de mil oitocentos e vinte cinco anos. José Firmino Rozado de Amorim (?) a fez António Felix de Mendonça Arriaga (?) e Mello a fez e escreveu.»

Seguem várias assinaturas ilegíveis, uma que diz Mello, outra Salustiano José Monteiro, outra Thiago José Pardal (?), outra José — de M^{ca} Furt^o e outra ilegível. Tem a nota:

«Reg^{do} no L. do Reg^o de Chne da Cid^e e — e nela pg cem reis ao Chan^{er} e Off^{os}. 11 de Fevereiro de 1825.»

Em baixo e à direita, sinal de ter estado colado um selo.

Trata-se, pois, de uma carta de officio passada por dois mestres do mesmo a um novo mestre que se ia estabelecer.

Oferta recente para a minha colecção de documentos lisboetas, pareceu-me interessante dar dela conhecimento aos leitores do OLISIPO.

Lisboa, 1 de Setembro de 1964

EDUARDO NEVES



José Caetano Carrera Guerra e Gregorio José Gonçalves, Actuales Juizes Examinadores do
Officio de Sombrosos nesta Cidade de Lisboa e seu termo p[er] a aprovação do Ex.^{ma} Senado da
Camara &



J. N. de S. Carlos e S. de S. João
F. de S. João de S. João de S. João

Fazemos certo em como José Maria Lial Official deste Off.^o Filho de João Rodrigues Pimenta e de Maria Fogaça, Sacerdote Baptista
da Freguesia de S. Pedro do Lugar do Landujas Bispo de Coimbra casado com Maria José Vilela de idade trinta e dois
annos no requerço p[er] que o houve semos de Examinar, e procedendo ao dito Exame foi p[er] nos aprovado p[er] que se julga
nos m[er]ito Apto e habel p[er] servir Publico na qualidade de Mestre deste Off.^o com Loja ou Fabrica como assim como a l[eg]em
os mais Mestres, mandamos ao Ex.^{ma} de nesse cargo q[ue] lhe possa apresentar Certidão p[er] com am.^{na} requerer a d.^{na}
Senado da Camara a sua Confirmação. E portanto requeremos a justia de sua Magestade Fidelissima onde esta
for apresentada q[ue] como tal o reconheça e possa gozar ditadas as prerrogativas q[ue] s[er]ão com cedidas aos mais Mestres Dada
e passada nesta muito nobre e Lial Cidade de Lisboa aos nove dias do mez de Dezembro de mil e oitocentos e
vinte e quatro, e Cu Dom. José Guerra Corrivão Actual ofiz. Regi.^o

Dom. José Guerra

1.º Juiz

José Caetano Carrera Guerra

2.º Juiz

Gregorio José Gonçalves

Ronda Evocativa
através de
Um Quarto de Século

por TEODORO LOPES RAMOS

QUEM se tenha dado à curiosidade, nestes 25 anos de existência do Grupo «Amigos de Lisboa», de acompanhar a actividade dos seus prestantes Directores, terá verificado quanto se lhes deve pelo seu labor de bem-servir Lisboa: manter e fazer criar amor pela Cidade, que nos deslumbra a vista e recreia o espírito; elevar ao mais alto nível a finalidade para que foi criado este organismo alfacinha; vencer obstáculos que por vezes se deparam e dificultam trabalhos em curso. Apesar destas pretensões, em parte cumpridas no final do primeiro quarto de século da sua fundação, ainda não satisfaz plenamente os mais dedicados Amigos, dirigentes deste agrupamento, o caminho percorrido, resultando no início do triénio 1961/63, uma nova Junta Directiva, para os novos componentes continuarem a obra legada pelos seus antecessores e fazerem prevalecer os fins para que o Grupo foi fundado.

Pelas salas dos «Amigos de Lisboa» têm passado altas intelectualidades, na maioria eruditos arqueólogos, estudiosos olisipógrafos e lisboetas dedicados aos múltiplos assuntos cívicos, vindos com o seu desinteressado trabalho e as suas douradas palavras à missão de aliciar entusiasmos e dedicações para apreciar Lisboa, a sua cor e beleza, conhecer os seus recantos pitorescos, o deslumbrante pano-

rama, que se observa das encantadoras colinas, o sugestivo poder de maravilha dum cenário magnífico.

Dos dirigentes de comprovada afeição a este Grupo, por aplicarem a sua erudição no louvor da nossa velha Lisboa, ainda existe felizmente grande número, e assim vão dando o prazer espiritual de ouvir as memórias descritivas da Lisboa de outras eras, as suas eruditas palestras e conferências, desvendando os encantos das características ruelas velhinhas e das casas antigas de arquitectura tipicamente portuguesa.

Dos dirigentes, de que a Lei eterna nos privou de uma assídua e valorosa colaboração, fazendo-os tombar a meio do caminho desta jornada através da nossa ideologia olisiponense, ficou memória: dos seus eruditos colóquios e da firme devoção de manterem uma campanha «A Bem de Lisboa» ficou uma saudosa recordação, devida a esses inesquecíveis confrades desaparecidos, quando ainda muito devotadamente projectavam novas realizações.

Nesta ronda saudosista levada a efeito no ano das comemorações do 25.º aniversário desta agremiação cultural marcaram indelével posição nos mandatos que exerceram os ilustres consócios:

Dr. LEVY MARQUES DA COSTA, Presidente da Assembleia Geral de 1936 a 42: figura de alto relevo social que honrou com o seu prestigioso nome a primeira presidência.

Eng.º AUGUSTO VIEIRA DA SILVA, primeiro Presidente da Junta Directiva de 1936 a 39: muito ponderado nas suas informações e correcções.

NORBERTO DE ARAÚJO, Jornalista, Secretário-Geral (Adjunto) da Junta Directiva de 1936 a 45, Vice-Presidente da Assembleia Geral de 1946 a 54: amoroso de todos os recantos da Lisboa Velha, e, assiduamente de lápis em riste na defesa do pitoresco da nossa inigualável Alfama.

Dr. ALBERTO MAC-BRIDE FERNANDES, Vogal da Junta Directiva de 1936 a 42, Presidente da Assembleia Geral de 1943 a 54: irradiando simpatia com seu fino trato, atencioso para toda a gente, sem distinguir classes, e apontando justificadamente erros que se cometiam em obras cidadinas.

PEDRO BORDALLO PINHEIRO, Jornalista, Presidente da Comissão de Contas de 1936 a 42: dilecto amigo, descendente de príncipes do jornalismo humorístico.

ANTÓNIO DO COUTO, Arquitecto, Vice-Presidente (substituto) da Junta Directiva de 1943 a 48: meticoloso restaurador da Sé, narrador de episódios sucedidos durante as obras efectuadas na nossa velha catedral.

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (Sidónio Miguel), Poeta e publicista, Relator da Comissão de Contas de 1940 a 42, Vogal da Junta Directiva de 1943 a 45 e Tesoureiro da Junta Directiva de 1946 a 51: divulgava em amenos colóquios o muito que sabia da história de velhas ruas de Lisboa.

Professor Doutor JOAQUIM MOREIRA FONTES, Presidente (substituto) da Comissão de Contas de 1940 a 42, Presidente efectivo da Comissão de Contas de 1943 a 48, Vice-Presidente (substituto) da Junta Directiva de 1949 a 51, Vogal efectivo da Junta Directiva de 1952 a 57, Vice-Presidente efectivo da Junta Directiva de 1958 a 60: sempre atento observador das opiniões expostas pelos colegas da Junta Directiva, a quem dava informações do seu muito saber.

ALFREDO BRAZIÃO ALVES, Relator (substituto) da Comissão de Contas de 1940 a 54, Relator efectivo da Comissão de Contas de 1955 a 57: deixou memória assinalável o seu pedido de uma salva de palmas para os habitantes da Rua da Padaria por terem engalanado as varandas e janelas das suas moradias, na tarde em que ali passou um cortejo do Grupo «Amigos de Lisboa» a caminho do Castelo de S. Jorge, em visita de cumprimentos ao venerando Presidente da República General Carmona.

ÁLVARO PEREIRA DE LACERDA, Vogal da Junta Directiva de 1943 a 45: sempre bem-humorado, falava de assuntos citadinos, com os seus vastos conhecimentos da vida alfacinha.

General RAUL ESTEVES, Presidente (substituto) da Junta Directiva de 1943 a 57.

Arquitecto JOSÉ ÂNGELO COTINELLI TELMO, Secretário-Geral (adjunto) da Junta Directiva de 1946 a 48: obreiro de elevada categoria e apurada sensibilidade artística, que se extasiava perante tudo que fosse perfeito, pronunciando o seu habitual estribilho «Oh! É uma maravilha!».

Eng. RICARDO TEIXEIRA DUARTE, Vice-Presidente da Assembleia Geral de 1955 a 60: com idade um pouco avançada, ainda colaborava nas Assembleias Gerais, divulgando os seus sábios conselhos.

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA, Vogal efectivo da Junta Directiva de 1952 a 54: muito assoberbado com a sua vida comercial, o amor à cidade incitava-o a dispensar atenção ao seu cargo directivo.

DIAMANTINO TOJAL, Vogal efectivo da Junta Directiva de 1952 a 54: amante da cidade, onde deixou espalhada a sua memória em inúmeras realizações.

HENRIQUE MARQUES JÚNIOR, Secretário efectivo da Comissão de Contas de 1943 a 54: infalível nas reuniões da Junta Directiva, no desempenho do cargo.

Professor Doutor AUGUSTO PIRES CELESTINO DA COSTA, Presidente da Junta Directiva de 1943 a 57: de pequena estatura e de saber enciclopédico, assíduo nas reuniões da Junta Directiva, donde, após sensatas deliberações, se retirava já próximo da uma hora da madrugada, alegando que ainda ia trabalhar na sua actividade profissional.

E, ao findar esta ronda de saudade, parafraseando uma sentença histórica, atribuída a um grande vulto lisboeta de antanho, direi: Depois de evocar os saudosos mortos, cuidemos dos felizmente vivos, a fim de os ajudar na caminhada para os 50 anos do Grupo «Amigos de Lisboa».

APRESENTAÇÃO DO PRIMEIRO VOLUME DOS

“*CONTOS POPULARES E LENDAS*,”
coligidos por Leite de Vasconcellos

por PAULO CARATÃO SOROMENHO

QUANDO pensei em fazer uma comunicação neste colóquio⁽¹⁾ decidi-me, primeiramente, por um tema de que desisti afinal. E isto porque o assunto tomava uma feição bastante pessoal em relação a mim próprio: seria a narrativa da vida breve, do talento e da tragédia do músico lisboeta de há um século, António Guilherme Soromenho. Tema perigoso, pois que sendo o biografado meu tio-avô, poderia surgir aos mais despreocupados dos meus ouvintes este pensamento aceitável — o de que eu me aproveitava da generosa hospitalidade do Grupo «Amigos de Lisboa» aos seus associados, nestes colóquios, para vir falar de *glórias apenas familiares*, e impor à delicadeza dos meus consócios uma importunação sentimental.

Ora, minha Mulher, Alda da Silva Soromenho, e eu fomos há anos escolhidos pelo Prof. Doutor Orlando Ribeiro, segundo indicação amiga e honrosa do Dr. Manuel Viegas Guerreiro, para trabalharmos no espólio literário e científico, deixado pelo Doutor Leite de Vasconcelos. Das nossas tarefas, ainda que difíceis, não devo dar pormenores; sòmente

(1) 49.ª Sessão dos Colóquios Olisiponenses, em 16 de Julho de 1964, na sede do Grupo «Amigos de Lisboa».

dizer que larga recompensa temos tido na intimidade de uma obra de excepção, e tão extensa e abundante, onde a Filologia e a Etnografia, a Epigrafia e a Numismática, a Literatura e a História constituem fundamentos seguros do monumento grandioso, elevado pelo Mestre em homenagem a Portugal.

O belo retrato acabado de ouvir e tão bem desenhado pelo Sr. Doutor Eduardo Neves, em que a figura intelectual e, digamos, *social* do Doutor Leite se definiu claramente, tornou desnecessárias quantas palavras eu quisesse dedicar ao talento e ao saber do autor de *As Religiões da Lusitânia* e da *Etnografia Portuguesa*, ao fundador da *Revista Lusitana* e do *Arqueólogo Português*.

Dentro de uma semana vai ser distribuído ao público o primeiro volume dos *Contos Populares e Lendas*, coligidos durante quase setenta anos, directamente ou com a colaboração de amigos, alunos e correspondentes amáveis, pelo Doutor Leite de Vasconcelos. Simplesmente todo esse riquíssimo material (cerca de seiscentos e cinquenta contos e algumas centenas de lendas, e mais de setecentos verbetes que representam milhares de citações) ficou informe, pois nunca o Doutor Leite pôde entregar-se ao trabalho de distribuí-lo e coordená-lo. Quando fomos encarregados desta ocupação, esforçada mas emotiva, tivemos de separar as lendas dos contos, e agrupá-los dentro de cada espécie; e tivemos, por isso, de arranjar um sistema de *arrumação*, que passo a indicar: catorze ciclos de contos populares (Animais — A Bela e o Monstro — Cristo e S. Pedro — Enigmas — Entes Sobrenaturais — Entre Marido e Mulher — Facécias — A Gata Borralheira — Heranças — Instrumentos Maravilhosos — Nosso Senhor — Pecados Mortais — Pedro das Malas-Artes — O Sabor dos Sabores) e seis ciclos de lendas (Religiosas — De Entidades Míticas — Históricas — De Mouros e Mouras — Etiológicas — De Povoações Desaparecidas), sistema que nos tem permitido classificar todos os textos. O primeiro volume, neste momento apresentado aos «Amigos de Lisboa», inclui *Dois Palavras*, escritas pelo Prof. Doutor Orlando Ribeiro, uma introdução minha, 340 contos (que completam os cinco primeiros ciclos) e índices de coleccionadores e narradores e de locais de recolha. Nas

Duas Palavras, o Prof. Doutor Orlando Ribeiro exprime o seu regozijo por o Mestre, ainda a mais de vinte anos da sua morte, estar «não apenas *presente* mas *activo* no mundo da erudição portuguesa» — como se prova com esta colectânea, a mais rica do género na nossa língua e das mais vastas do Mundo — com certeza a mais vasta se a considerarmos reunida pela mesma pessoa.

Decerto que haverá quem sòmente encontre na literatura popular curiosidade pelos temas, gosto pela sua audição ou leitura; frequentemente se lhe reconhece valor pedagógico. No entanto, dessa literatura a novelística, principalmente, apresenta uma grande variedade de feições com importância científica. Minha Mulher e eu durante a feitura desta obra (cujo segundo e último volume começará a ser impresso dentro de meses) pudemos compor onze estudos, de que vou dar os títulos a fim de se reconhecer a citada variabilidade de temas: «A Organização da Sociedade segundo os Contos Populares»; «Conto Popular e Lenda: tentativa de definição»; «O Material para as Lendas deixado pelo Dr. Leite de Vasconcelos»; «Preâmbulo dos Contos Populares coligidos por Leite de Vasconcelos»; «A História de Portugal contada pelo Povo»; «A Publicação dos Contos e Lendas coligidos por Leite de Vasconcelos»; «Expressões de Tempo nos Contos Populares»; «Notas Leitianas sobre Contos Populares»; «Introdução dos *Contos Populares e Lendas*, coligidos por J. Leite de Vasconcellos»; «Meditações sobre um Vocabulário Etnográfico»; «O Terceiro Conto das *Mil e Uma Noites*».

Este volume, que estou apresentando (com xxx mais 704 pp.), contém sete contos populares recolhidos em Lisboa, e em notas há referências a versões e complementos lisboetas de outras narrativas. Esta informação constitui mais um exemplo do interesse etnográfico da nossa capital, que pode muito bem despertar as atenções de um especialista. E quem o fizer, para começar, encontrará no nosso boletim, OLISIPO, um valioso repositório; não faltarão fontes para estudo — até a própria observação da gente lisboeta: o garoto da rua, o ardina, o funcionário público, o fragateiro, a varina, o lojista (que pronuncia *Lesbõa*, e vem à porta, esfregando as mãos, olhar o céu ou quem passa), a rapariga do povo, a rapariga

burguesinha e a rapariga da alta sociedade, o povinho que gosta do fado e vibra com as marchas, o homem comum, que é andarilho e repete as perguntas antes de responder...

E já agora... Uma vez o Doutor Leite, conversando comigo, interrompeu de repente o diálogo e disse: «E, então, como tem passado?». Olhei-o, um tanto surpreendido, e respondi: «Eu estou bem, senhor Doutor, muito obrigado». Comentário dele: «É curioso. Os Lisboaetas quando respondem afirmativamente a esta pergunta inclinam a cabeça para a direita».

Os contos lisboetas aqui incluídos são os seguintes:

a) Conto n.º 65, *O Ouriço-Cacheiro*. Foi narrado por Francisca da Piedade da Cunha a Consiglieri Pedroso. Eis o texto completo:

«Era uma vez um rapaz, e apanhou um cobrazinha pequenina. Meteu-a dentro de um tanque e todos os dias lhe ia dar de comer. Assobiava à cobra e ela vinha.

A cobra foi crescendo, e o rapaz todos os dias lhe ia sempre dando de comer, de modo que a cobra já estava muito acostumada com ele, e não lhe fazia mal.

O rapaz foi crescendo, chegou a ser homem e veio para a cidade servir. Esteve muitos anos na cidade, e um dia foi com uns amigos à terra dele. Quando iam a passar a cavalo por pé do tanque, onde estava a cobra, quando ele era criança, disse para os amigos: «Quando eu era pequeno, tinha aqui uma cobra a quem eu assobiava e ela vinha para lhe eu dar de comer. Deixa-me ver se eu ainda me lembro do assobio e se ela ainda será viva». E assobiou-lhe. Imediatamente lhe saltou uma cobra muito grande e muito grossa, e enrolou-se-lhe de roda do pescoço para o matar.

O rapaz muito aflito disse-lhe:

—Então, este é o pago que tu me dás de eu te tratar tão bem, quando era pequeno?!

A cobra respondeu:

— Sim! Do bem fazer mal haver.

O rapaz disse-lhe:

— Espera aí! Não me mates sem eu encontrar três animais que digam «Por bem fazer mal haver».

A cobra disse:

— Pois sim!

Foram andando e daí a bocado encontraram um cavalo muito magro e coxo de uma perna, que mal se podia arrastar. O rapaz voltou-se para ele:

— Ó cavalo, do bem fazer mal haver?

O cavalo respondeu:

— Sim! O meu amo, enquanto eu pude trabalhar, tratava-me bem; hoje, que eu estou velho e aleijado e não posso trabalhar, manda-me para a esfolia e já não quer saber de mim.

O rapaz muito desconsolado foi andando mais para diante e encontrou um cão encostado a uma parede, quase a morrer. Chegou-se ao pé dele e disse-lhe:

— Ó cão, por bem fazer mal haver?

O cão respondeu:

— Sim! O meu dono, enquanto eu ia à caça com ele, tratava-me muito bem, e agora, que eu estava velho e já não podia caçar, deitou-me para a rua e não quer saber de mim e deixa-me aqui morrer à fome.

O rapaz estava cada vez mais triste, porque a cobra já o queria matar, mas ele disse-lhe:

— Espera, que ainda falta um.

E foram andando mais para diante. Encontraram um ouriço-cacheiro. O homem chegou-se ao pé dele e perguntou-lhe:

— Ó ouriço, do bem fazer mal haver?

O ouriço não lhe deu resposta. O homem tornou outra vez:

— Ó ouriço, do bem fazer mal haver?

O ouriço nada, não lhe dava resposta nenhuma. Disse o homem já muito zangado:

— Ó ouriço, responde, se não esta cobra mata-me.

Diz o ouriço:

— Qual é o tolo de um cavaleiro, que espera pela resposta de um ouriço-cacheiro?

A cobra, assim que ouviu dizer isto, desenrolou-se do pescoço do homem e saltou no ouriço. O homem, assim que se viu livre, meteu esporas ao cavalo e fugiu a galope. O ouriço enrolou-se, e a cobra matou-se nos espinhos.»

b) Conto n.º 97, *O Rouxinol*. Foi recolhido pelo Doutor Leite:

«O rouxinol canta principalmente de noite.

O rouxinol poisou de noite numa vide, enroscando-se-lhe na perna uma gavinha.

De manhã veio outra ave que lhe disse que de noite é que a gavinha se desenvolvia e por isso o rouxinol passou a cantar de noite para não adormecer.»

c) Conto n.º 118, *O Coelho Branco*. Foi recolhido por D. Mariana Osório de Castro, e oferecido por sua filha D. Ana de Castro Osório, a ilustre escritora.

Uma princesa foi roubada em três dias sucessivos por um coelhinho branco, que lhe tirou um pente, um colar e um anel, e desapareceu. Ficou ela tão triste que emudeceu. Apenas uma lavadeira lhe levou notícias de que vira o coelhinho. Foi com ela ao local, entraram num palácio e desencantaram o coelho, que era um príncipe.

d) Conto n.º 189, *Deus é bom, mas o Diabo também não é mau*. Foi recolhido por D. Ana de Castro Osório.

Uma estalajadeira exigiu a um freguês que lhe pagasse doze pintos por doze ovos, e, como ele não quis, o caso foi levado à Justiça. O homem no caminho meteu esmolas em caixas destinadas uma a Deus e a outra ao Diabo. Apareceu-lhe então um caminhante que, sabendo o problema dele, lhe disse que o defenderia no tribunal. No dia marcado o «advogado» apareceu tarde, explicando que se demorara por ter estado a cozer

favas para a sementeira. Quando o juiz estranhou, ele perguntou-lhe se ovos fritos davam pintos. O «advogado» era o Diabo.

Este conto tem muitas versões. O Dr. Manuel Viegas Guerreiro, presentemente o especialista mais conhecedor da novelística popular, publicou, em 1961, *Duas Fábulas Macondes*, uma das quais trata daquele tema, que está largamente espalhado.

e) Conto n.º 255, *As Almas do Outro Mundo*. É reprodução de um folhetim de José Maria da Costa, publicado no jornal de Faro *Alentejo e Algarve*, de 12 de Maio de 1901. É a conhecida história do avarento que, para afastar os ladrões, provoca no prédio ruídos estranhos. A casa é considerada assombrada até que um estudante descobre tudo.

f) Conto n.º 274, *Periquito e Periquita*. Foi narrado por Augusto H. de Sousa ao Doutor Leite, que tinha também uma versão em barranquenho. Segue o texto:

«Conta-se que havia dois irmãos, um menino e uma menina, que eram muito amigos, andando sempre juntos.

Um certo dia a mãe, que não gostava da menina, para conseguir apanhá-la sòzinha, mandou-os ir, a um comprar azeite e a outro vinagre, prometendo ao que chegasse primeiro uma prenda. Entretanto a mãe foi preparar um alguidar e uma faca para que, sem perda de tempo, pudesse matar a menina após a sua chegada, pois já esperava ser esta a primeira que viria.

Quando o irmão chegou, perguntou por ela ao que a mãe respondeu que tinha ido fazer um outro recado.

O menino esperou, esperou até que chegou a hora de ir levar o almoço ao pai, e teve de partir, sem a irmã aparecer.

Pelo caminho o almoço deitava um cheiro apetitoso e o menino não pôde resistir à tentação de provar. Porém ao destapar a panela descobriu a mão duma criança, que logo desconfiou ser a da irmã.

Então, com o coração compungido, deu largas à sua dor, começando a chorar num grande pranto. Nisto apareceu uma velhinha (Nossa

Senhora) que, depois de lhe perguntar a causa da sua mágoa, lhe disse que não chorasse, que fosse levar o almoço ao pai e que, conforme este fosse deitando os ossos fora, ele que os apanhasse; depois ao chegar a casa os embrulhasse num pano e pusesse debaixo do travesseiro, que a menina apareceria um dia. Ele assim fez. E, quando o pai estranhando, lhe perguntou por que guardava os ossos, o menino alegou que era para os levar ao cão da vizinha, pois esta lhós tinha pedido.

Passados dias, numa manhã, o menino ao acordar viu a irmãzita sentada ao lado dele, com um ramo de laranjas.

Os pais com grande pasmo vieram a correr vê-la, pedindo cada um uma laranja.

À mãe respondeu-lhe ela que não lhe dava, porque a tinha matado, ao pai, porque a tinha comido. Por fim pediu-lhe o irmão: a este já lhe dava todas, porque a tinha salvado.»

Esta história tem outras versões no País, reunidas no presente volume, e é igualmente conhecida no estrangeiro. Gaston Paris dá dela notícia na sua *Littérature Française du Moyen Âge*, assim como os países de fala inglesa a conhecem (por exemplo, vid. *Modern Languages Notes*, xxvi). O tema — a antropofagia voluntária ou involuntária — é velho nas literaturas e a sua ascendência pode encontrar-se na lenda de Tiestes e de Atreu (referida nos *Lusiadas*, III, 133): Tiestes tendo cometido adultério na pessoa de sua cunhada, sofreu a vingança atroz de Atreu, que lhe matou os filhos e lhós deu a comer. A acção é de tal forma violenta e excitante que não admira ser, com variantes, muito tratada na novelística tradicional, transmitida oralmente. De resto, as raízes da arrepiante narrativa irão buscar-se a fases longínquas da vida humana ou mais modernamente a graus atrasados da civilização ou a casos esporádicos nos povos cultos, quando a necessidade se impõe — e os homens têm comido homens. Deve, no entanto, relevar-se uma circunstância notável na maioria dos contos populares, tal como os ouvimos ou lemos narrados na actualidade: a prática *voluntária* da antropofagia é feita apenas por entidades míticas — gigantes, *velhas*, olharapos... E essa transferência representa um progresso moral e social na vida humana, a consciência de que pessoas

iguais a toda a gente não poderiam usar tão repugnante alimento⁽²⁾. A antropofagia é justificada com causas extraordinárias: a crueldade ou a gula de entes sobrenaturais ou a vingança brutal de seres humanos, e constitui portanto uma circunstância invulgar.

g) Conto n.º 312, *As Maças de Ouro*. Foi recolhido por D. Ana de Castro Osório.

Num jardim real havia uma árvore que dava maçãs de ouro, mas nunca eram apanhadas, pois alguém as roubava. Os três filhos do rei oferecem-se, sucessivamente, para guardar a macieira. Só o mais novo tem algum êxito e consegue apanhar oito das nove maçãs existentes: a nona fora levada por uma ave com penas de ouro. Era preciso encontrá-la. Os três rapazes, cada um por sua vez, tentam a aventura. A vitória pertence ao mais novo.

E pronto. Chegámos ao fim de uma caminhada pelos domínios da etnografia. Do ambiente, ora fabuloso, ora realista, dos contos populares talvez tenham vindo até aqui recordações da nossa infância — mas não só elas. Também o contacto de uma hora com esta ciência nos trouxe a certeza de que ela é um óptimo meio para melhor conhecer a Humanidade e, portanto, compreendê-la melhor. Compreender é amar.

Agradeço a todos o ter-me sido possível fazer a apresentação de uma das obras mais importantes, que nos últimos cem anos se publicaram no âmbito da Etnografia Portuguesa.

(2) Uma história popular (Beira Baixa) conta que, numa assembleia de animais, se reconheceu o homem (e a mulher, claro) como o de carne e sangue mais apetitosos, fundamentando-se a conclusão nas informações da pulga. Isto está de acordo com o que se diz (ou conclui) nos contos do ciclo da antropofagia — prática, no entanto, sempre considerada repugnante

O Bairro Alto de Ontem e de Hoje

por TEODORO LOPES RAMOS

VAI iniciar-se o desbobinar de algumas páginas que se ocupam de um muito antigo aglomerado habitacional da velha Lisboa, o Bairro Alto de S. Roque: fonte inesgotável de múltiplas facetas, dele se têm ocupado mestres olisipógrafos, cronistas da cidade, poetas, aguarelistas, desenhadores, romancistas, dramaturgos, conferencistas, comediógrafos, revisteiros, cineastas e infatigáveis repórteres dos jornais e das revistas literárias que, fazendo a reportagem dos simples ou grandes acontecimentos bairristas, dão motivo a que o populacho faça o seu comentário, aplicando a típica legenda «temos o Bairro Alto em estado de sítio».

Habitante há longos anos no coração deste secular bairro, tenho recolhido muitos apontamentos das suas características, realizado peregrinações pelos recantos que mais aprecio e ainda conservo na retina os factos curiosos que merecem divulgação e as cenas bairristas que dão ideia do seu exótico ambiente:

Velho burgo, primitivamente denominado Vila Nova de Andrade, com os seus quatro séculos de resistência ao camartelo municipal, mantém compridos e alegres arruamentos, pátios onde outrora existiram famosos teatros, arejadas travessas, repletas de antiquados prèdiozinhos, exibindo curiosas mansardas, ou sólidos edifícios apalaçados, onde nos tempos idos, distinta fidalguia, figuras gradas e

famílias abastadas faziam a sua estância de verão... Velho burgo onde tem as suas sedes a maioria da Imprensa de Lisboa, onde nasceram e habitaram centenas de vultos notáveis, onde assiduamente se vêem transitar inúmeras entidades nacionais, curiosos turistas e marinheiros vindos de nações amigas, com a sua variegada indumentária e bizarras canções: «Quando havia esquadra estrangeira no porto surgiam bandos de marujos loiros ou morenos, com galfarragem à ilharga, a traduzir-lhes indicações num esperanto incrível, mas sempre compreensível». Após terem apreciado os encantos da afamada «Lixbona» nunca prescindiam de se recrearem neste pedaço da Lisboa antiga, frequentando os restaurantes típicos, onde notabilidades castiças entoam nostálgicos fados (a denominada canção nacional do fatalismo português)... Local alegre e saudável, muito poupado pelo terremoto grande, dele escreve Baltasar Teles, que foi um estudioso observador dos costumes de Lisboa (da *Crónica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*, 1645-47) :

É este bairro, senão o mais frequentado, a menos o mais gabado; as casarias mui nobres; a obra de arquitectura romana e de traça moderna; o sítio, o mais descoberto ao norte, o mais alto da cidade, o mais lavado dos ventos, o mais purificado nos ares.

Nas minhas leituras habituais, quando se me apresenta algum trecho de apreciada prosa sobre assunto bairrista, logo me vem o desejo de ampliar tais notícias com anotações, que vou fixando nos meus verbetes. Assim porque nos dá uma faceta do que foi o Bairro Alto de outrora, aqui transcrevo por curiosidade uma breve dissertação que se lê (informa Matos Sequeira) num manuscrito do século XVIII, extraído do códice 2265 do catálogo do Conde do Ameal e que reza o seguinte (*Lamentação Saudoza, chorada nas trevas da Ausencia pelos Jeremias da Distancia*) :

Adeus Bairro Alto, trono das Deydades onde as Filis se meneão com o usual alinhio da bandarrice, sendo parnaso amoroso; onde as Venus e Dianas metem palas às mais estrondosas belezas. Ai Bairro Alto, Bairro Alto, quem te conhecer que te compre. Mas tu já estás vendido porque a todos trazes vendidos; e para estas vendas e aquelas compras, lá tens a Rua das Partilhas, para melhor te ajustar as contas. Tens a rua do Trombeta por onde a fama as tuas proezas publica. Tens a Rua das Flores onde as fragancias das tuas bizarias respiram aromas amorosos. Tens a do Sul que, como monarca das Luzes reparte contigo resplendores. Tens a do Norte onde se vê se ella corre direito. Tens a das

Gaveas onde o gageiro do apetite ferra o velame do Desejo. Tens tambem a Rua Formosa onde os teus alinhos são enfeites do melhor adorno. E finalmente tens a bica, por onde a cabalina destila os crystaes d'alma p.^a que sejam o alivio de tristes e consolação de queixosos...

Embalado nessa lamentação, prosseguirei no mesmo jeito: Bairro Alto dos bons tempos, quem te viu e quem te vê!

Já um nosso historiador certo dia te apontou: «Outrora tão turbulento, com essa população bizarra de marujos, calafates, vendilhões e algumas inditosas».

Muito são relembradas as brigas entre os bandos arruaceiros dos Capotes Brancos e dos Capotes Pretos, respectivamente capitaneados pelo moço Sebastião José e pelo Infante D. Francisco! Tão turbulento que ficaram célebres os sangrentos motivos entre fidalgos na Travessa da Espera — divisa desordeira do Bairro —, alerta para rufiões e pícaros de todas as épocas!

Eram constantes as cenas de navalhadas entre rixosos da viela, de que se destacou a que ocorreu em 1882 na taberna da Filomena, resultando morte de homem. Tinop, na sua *História do Fado*, também nos deixou notícia de conhecer um quase professor de fadistografia, José Luís, o «Pau Real», morto à falsa fé pelo «Chico galeguinho», na taberna da Maria Balbina — uma quarentona muito frescal — sita na Rua da Atalaia, à esquina da Travessa dos Fiéis de Deus, onde se realizavam grandes descantes de fado. O crime proveio de um desaguisado que ambos tiveram na casa de pasto do Mosqueira, na Rua das Gáveas, depois de uma espera de toiros.

Deixou grande nomeada a estocada mortal que o conde de S. Vicente mandou aplicar a Teixeira Homem, mestre-de-campo dos auxiliares de Trás-os-Montes, por lhe pretender a sua amada, cómica da Rua dos Condes, a formosa Chiquinha «Esteireira», motivando uma celeberrima quadra nesse tempo, tornada popular:

Eu venho do Bairro Alto
Com vinte e cinco feridas,
Por andar tangendo amores
A adufa das raparigas.

Pela sua curiosidade se arquiva nestas páginas uma referência ao Bairro Alto de outros tempos (publicada no *Século* de 30-8-1923): «Outrora tão célebre pelas brigas, rixas e pugilatos que nele se feriram

por entre as sombras das vielas, e onde à frouxa luz das lâmpadas dos nichos se cruzaram os ferros dos fidalgos brigões e luziram as facas traiçoeiras de fadistas. Mas, apesar de algumas descrições deste bairro turbulento da rufiagem, também por contraste era *bairro tão alegre no tempo de D. João V* que, na mocidade deste monarca, tiveram nomeada as récitas que se efectuavam no velho Teatro do Bairro Alto (actual pátio do Conde de Soure), *trono de fantoches e de cómicos, onde o Judeu e o Nicolau Luís deslumbraram os Lisboetas com as suas óperas e tramóias*; e as conferências que se efectuavam aos domingos à noite no Palácio do Cunhal das Bolas, movimentando intensamente a Rua do Carvalho (actual de Luz Soriano) com segas, boleias e cadeirinhas, conduzindo (diz Bluteau) «a mais ilustre e erudita Nobreza do Reino»; os saraus dos nobres no Palácio do Loreto, primorosamente descritos por Mestre Júlio de Castilho, onde Mariana Rubim, dedilhando um antigo cravo de cinco oitavas, entoava algumas árias de Coreli ou Pergolese, entusiasmando os fidalgotes e os poetas.»

No Palácio Sobral, o riquíssimo Joaquim Inácio da Cruz deu no século XVIII grandes e faustosas festas à primeira sociedade (diz Júlio de Castilho). Ali se reunia toda a Lisboa, ali se ouviam grandes artistas e os curiosos de mais nomeada... O Bairro Alto e toda a Lisboa pasmavam destas magnificências. Desses tempos em que as tabernórias abundavam por estes arruamentos, deixaram fama pela vida de boémia, nas noites de fado e guitarradas — o João do Porto, na Rua dos Calafates, próximo da Travessa do Poço da Cidade, o Maia, o Adão, a tia Conceição, na Rua da Atalaia, quase aos Fiéis de Deus, o Cachapim, a Filomena, sempre muito briguenta e mal afaçada, e ainda o Alfaia e o Tacão, por serem muito frequentadas por actores célebres e jornalistas, que ali vinham cear depois da sua faina nocturna. Também foi de grande nomeada a taberna da tia Leocádia, na Rua Luz Soriano, onde apareciam óptimos fregueses, entre os quais o dramaturgo D. João da Câmara, o erudito Alexandre Herculano, o escritor Eduardo Garrido, o disputado conversador Gualdino Gomes, o chistoso actor José Ricardo e outras notabilidades, que têm sido lembradas nos inúmeros escritos sobre o Bairro Alto, e, de que menciono o do probo publicista senhor Alfredo Ferreira do Nascimento, que descreve no n.º 74 do Boletim OLISIPO:

Registos de azulejos, uma que outra velha pedra de armas, grandes casas que foram palácios de gente de algo, ou pequenas edificações que ostentam sabo-

roso conspecto; tudo isto nos fixa a atenção e nos faz acudir à memória a célebre Academia dos Generosos, o pátio das comédias, as sangrentas brigas de irrequietos bandos fidalgos e as aventuras galantes que por aqui se desenrolaram.

Dos mais aplicados historiadores deste velho bairro se reúnem, nestas páginas, recortes dispersos pelas colunas de antigos jornais e revistas literárias. Escreveu Matos Sequeira no *Domingo Ilustrado*, ano III, n.º 120:

Ah! ... Lisboetas, Lisboetas, que bairro este de palácios e de baiucas, de ruas imbricadas e pitorescas, onde o carácter popular se reflecte como o azul violento de um céu numa toalha de águas tranquilas! ... Aqui se pintam e estampam as gazetas, aqui se estadeiam as graças fanadas do mulherio pecador e a taberna engole e vomita a vadiagem para a arruaça nocturna! ... Bairro de noctívagos e de madrugadores, bairro pimpão e estúrdio, bairro trabalhador e probo, eu te saúdo! ... Outro não tem Lisboa como tu, mais esforçado na luta pela vida, mais folião e mais conforme a esta cidade desleixada, fatalista e galho-feira! ... Na sua fisionomia és a feição mais saliente, a que marca melhor o tipo familiar, a que denuncia logo à primeira vista o sangue fidalgo de outros tempos, inquinado das aventuras de gente de sobrado com gente de loja, de senhores e de servos, mistura prolífica, que deu carácter ao seu génio cantador de xácaras e lunduns, no ar morno das cavaliças, donde veio o fado de 1860, repenicado em violas braguesas pelos botequins do sítio.

O arqueólogo Nogueira de Brito, nas páginas do seu folheto *Lisboa Antiga*, escreve:

O Bairro Alto gozou, maiormente na segunda metade do século XVIII e durante todo o XIX, fama de turbulento... Amores venais, aventuras galantes em que fidalgos e rufiões quase se confundiam, rixas funestas, tudo que serve de «substractum» a meandros de gozo fácil ao bairro se atribui, chegando a ser arriscado transitá-lo a certas horas sem o risco do vexame e da agressão.

Com o tempo dissipou-se essa fama terrível e o Bairro Alto tornou-se acessível a transeuntes de outros locais citadinos, para o que contribui poderosamente o desenvolvimento comercial.

Mas o Bairro Alto tem ainda pitoresco e rubrica-o uma notulação antiga, evidenciada em registos de azulejos dos séculos XVII, XVIII e XIX, em edificações desses tempos e em certo aspecto típico. Sob este último ponto de vista existe ainda o originalíssimo Cunhal das Bolas, émulo da bizarria da Casa dos Bicos, embora um tanto menos antigo. É de esquisita originalidade essa casa, onde floresceu um ramo da

antiga família dos Melos, onde em sólido cunhal se salientam na cantaria meias esferas e de que a lenda diz ser substituição das que aí havia de puro oiro. Quando Lisboa e o resto do país regorgitavam de academias literárias, durante parte dos séculos XVII e XVIII, o palácio do Cunhal das Bolas reunia nele a célebre Academia dos Generosos, por inspiração do Conde da Ericeira, D. Luís de Meneses, que o habitava. Tinop, o minucioso historiador dos cafés e dos costumes da velha Lisboa, divulga o Bairro Alto com o seguinte comentário:

Bairro arruaceiro, coalhado de pícaros rufiões... Entre os arruadores e rixosos de viela que infestam os bordéis, as betesgas sombrias do Bairro Alto e as alfurjas mal afamadas da Mouraria, tinha a Severa a consagração incontestável de cantora do Fado...

Augusto Pinto, distinto jornalista, faz no *Diário de Notícias*, de 24-4-940, o seguinte depoimento acerca deste local:

O Bairro era, como ainda é, um dos mais típicos de Lisboa. Nele moravam fidalgos e gente do povo, dessa gente que à tarde vinha das fainas das ribas do rio, encarvoada e alcatroada. E ali se acoitava também, por detrás de cortinas de chita, a desgraça da Cidade... Tinha carácter o Bairro Alto. E tinha cor. Por varandins cresciam nespereiras e entornavam-se guedelhas verdes de espargos e de erva da fortuna. Lá de vez em quando, surgia nota viva dos cravos rubros de Junho e das sardinheiras que dão flor todo o ano. E, pela semana adiante, às chuvas dos invernos morrinhentos, ou na alacridade dos sóis da Primavera ou canícula, era rara a casa donde não pendia o estendal das roupas domésticas e multicolores. E o bairro andava sempre cheio de bulício e de som.

O Dr. Ramada Curto diz no seu *Elogio dum canto da Lisboa Alta*:

Aqui, do alto da minha mansarda, vejo pela janela do meu escritório, um mar de telhados, de chaminés, de empenas de prédios do Bairro Alto, com roupa branca e de cor secando ao sol, e a silhueta dum gato recortando-se meditativo e de orelhas em riste, sobre o fundo dum branco de cal suja ou esgueirando-se numa trapeira. Sei que lá em baixo está a árvore de Camões, a grande, onde dormem os pardais, e que se assomar à varanda vejo o Tejo e Almada e os vapores de Cacilhas. E isso dá-me uma grande satisfação. Este sítio é o mais lindo do Mundo. A paisagem cubista do Bairro Alto, o rio azul, a árvore que me marca o tempo, verde no Verão e nua no Inverno, constituem o meu ambiente.

Quanto haveria ainda a escrever acerca deste bairro típico da Lisboa antiga, citando mestres, cronistas da Cidade que a ela se

têm dedicado, dissecando essa fonte inesgotável de episódios picarescos e anedóticos que nos fazem lembrar a nossa estouvada mocidade!

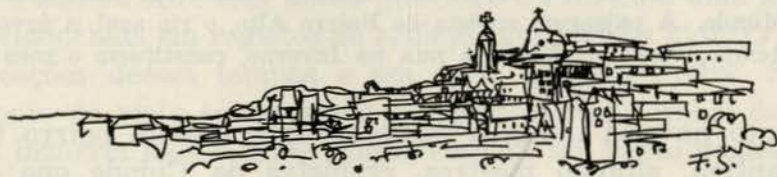
Teodoro Lopes Ramos, o nosso falecido sócio fundador número 84, sempre solícito e dedicado a esta casa, algumas semanas antes de falecer tinha combinado comigo no meu consultório, numa das visitas habituais, quando nos intervalos da sua acção de Regedor no Cercal vinha matar saudades até Lisboa, fazer nos primeiros Colóquios deste mês de Janeiro uma palestra sobre o Bairro Alto. Aqui morou e esteve estabelecido durante muitos anos com loja da sua arte predilecta, a de lanterneiro, que largamente exerceu, decorando grande número de edifícios com antigos modelos, que reproduzia com exactidão admirável.

Foi grande benemérito desta casa. A nossa Biblioteca possui algumas primeiras edições e outros valiosos exemplares bibliográficos, que arrancava à sua biblioteca, para comemorar um aniversário ou uma data; são também sua oferta as lanternas que se exibem nas nossas salas e, quero referir neste momento, era tal o seu carinho pelo bairro em que vivia, que ao saber que do Chiado nos íamos mudar para aqui, nos ofereceu, aos Senhores Matos Sequeira e Hugo Raposo e a mim, um almoço na Adega do Mesquita.

Porque não quis que deixasse de se cumprir o combinado, a despeito de ele infelizmente não poder vir, venho eu ler o seu trabalho, e assim lhe prestamos homenagem de agradecimento e saudade. Como o próximo número do OLISIPO, quase em distribuição, refere, ofereceu ao Grupo um manuscrito de sua autoria em que há pormenores da vida do Grupo e da actividade dos seus dirigentes e orientadores. Tudo demonstra o seu carinho e amizade pelo Grupo e é de recomendar a sua Família que se não percam as memórias pessoais, que me anunciou estarem escritas, porque são, certamente, um repositório notável da vida lisboeta do seu tempo.

Vou ler o trabalho *O Bairro Alto de ontem e de hoje*. Tenhamos porém antes, para o autor, um minuto de saudade e de reconhecimento.

E. N.



CATÁLOGO
DA
COLEÇÃO DE MEDALHAS
pertencentes a
ARMÉNIO DA CUNHA MENDONÇA

que estiveram em exposição
no Grupo «Amigos de Lisboa»
de 13 a 30 de Junho de 1964

ABREVIATURAS

AV — *Ouro*
AR — *Prata*
AE — *Cobre*
BR — *Bronze*
PB — *Chumbo*

- S/data — Século XVI — Medalha uniface «APOLO MATANDO O DRAGÃO» — AE — 65 mm.
- S/data — Século XVI — Medalha uniface representando «A LENDA DE LEDA E O CISNE» — AE — 48 mm.
- S/data — Século XVI — Medalha uniface representando o «JULGAMENTO DE PÁRIS» — AE — 54 mm.
- 1570 — Reprodução galvânica do anverso da medalha dedicada a «EL-REI D. SEBASTIÃO» — AE — 45 mm.
- 1651 — Colégio dos Órfãos do Porto — Fundado em MDCLI «Ao MÉRITO» — AR — 30 mm — *J. DE SOUSA*.
- 1670 — Dedicada à INFANTA D. CATARINA DE BRAGANÇA — RAINHA DE INGLATERRA — AR — 43 mm — *JOHN ROETTIER* — *A. LAMAS* 6.
- 1670 — Alusiva à «EXPANSÃO COLONIAL DA INGLATERRA» — AR — 43 mm — *A. LAMAS* 11.
- S/data — Dedicada a «D. PEDRO II» — AR — 17,5 mm — *A. LAMAS* 15.
- 1708 — Comemorativa do casamento de D. JOÃO V COM D. MARIANA DE ÁUSTRIA — AR — 14,5 mm — *A. LAMAS* 16.
- 1715 — PAZ DE UTRECHT — TRATADO ASSINADO ENTRE A FRANÇA, ESPANHA E PORTUGAL — AE — 31 mm — *S. LEITÃO* 17.
- 1716 — Dedicada a D. JOÃO V — Cunhada em Paris — AE — 70,5 mm — *ROG* — *A. LAMAS* 17.

- 1720 — Comemorativa da INSTITUIÇÃO DA ACADEMIA REAL DA HISTÓRIA — Reprodução galvânica do anverso — AE — 49,5 mm — *A. MENGIN* — *A. LAMAS* 19.
- 1729 — FR. D. ANTÓNIO MANUEL DE VILHENA — Grão-Mestre da Ordem de Malta — AE — 95 mm.
- 1729 — FR. D. ANTÓNIO MANUEL DE VILHENA — Grão-Mestre da Ordem de Malta — Reprodução galvanoplástica do anverso — AE — 95 mm.
- 1729 — FR. D. ANTÓNIO MANUEL DE VILHENA — Grão Mestre da Ordem de Malta — Reprodução galvanoplástica do reverso — AE — 95 mm.
- 1755 — Comemorativa do GRANDE TERRAMOTO DE LISBOA — AR — 30 mm — *A. LAMAS* 26.
- 1755 — Comemorativa do GRANDE TERRAMOTO DE LISBOA — AE — 34 mm — *A. LAMAS* 30. — *I. G. MORIKOFER*.
- 1766 — COLÉGIO REAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — Reprodução galvanoplástica do anverso — AE (prateada) — 50 mm — *L. FERNANDES* 45.
- 1766 — COLÉGIO REAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — Reprodução galvanoplástica do reverso — AE (prateada) — 50 mm — *L. FERNANDES* 45.
- 1775 — Comemorativa da inauguração da estátua equestre de EL-REI D. JOSÉ (busto do Monarca de perfil) — AR — 46 mm — *A. LAMAS* 40 — *JOSÉ GASPART*.
- 1775 — Comemorativa da inauguração da estátua equestre de EL-REI D. JOSÉ (busto do Monarca de perfil) — AE — 46 mm — *A. LAMAS* 41 — *JOSÉ GASPART*.
- 1775 — Comemorativa da inauguração da estátua equestre de EL-REI D. JOSÉ (busto do Monarca voltado a 3/4) — AE — 46 mm — *A. LAMAS* 43 — *JOSÉ GASPART*.
- 1775 — Comemorativa da inauguração da estátua equestre de EL-REI D. JOSÉ — Reprodução galvanoplástica da medalha — AE — 11 × 6,5 mm — *A. LAMAS* 45 — *JOSÉ GASPART*.
- 1779 — Comemorativa da FUNDAÇÃO DA IGREJA DO SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE JESUS — PB — 53 mm — *A. LAMAS* 58 — *JOSÉ GASPART*.
- 1779 — Comemorativa da FUNDAÇÃO DA IGREJA DO SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE JESUS — (Bustos conjugados de D. Maria e D. Pedro) — AR — 46,5 mm — *A. LAMAS* 62 — *JOSÉ GASPART*.
- 1779 — Comemorativa da FUNDAÇÃO DA IGREJA DO SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE JESUS — (Bustos conjugados de D. Maria e D. Pedro) — AE — 46,5 mm — *A. LAMAS* 63 — *JOSÉ GASPART*.

- 1779 — Comemorativa da FUNDAÇÃO DA IGREJA DO SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE JESUS — (Bustos conjugados de D. Maria e D. Pedro) — AE 46,5 mm (mais espessa) — A. LAMAS 63 — JOSÉ GASPART.
- 1779 — Comemorativa da FUNDAÇÃO DA IGREJA DO SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE JESUS — (Bustos conjugados de D. Maria e D. Pedro) — AE 46,5 mm (ainda mais espessa) — A. LAMAS 63 — JOSÉ GASPART.
- 1779 — Comemorativa da FUNDAÇÃO DA IGREJA DO SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE JESUS — AE — 52 mm — A. LAMAS 64 — JOSÉ GASPART.
- 1783 — DEDICADA PELA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS À RAINHA D. MARIA I — AE — 72 mm — JOÃO FIGUEIREDO — A. LAMAS 74.
- 1799 — DEDICADA PELA CIDADE DO PORTO AO PRÍNCIPE REGENTE — AR — 55 mm — JOÃO FIGUEIREDO — A LAMAS 79.
- 1799 — DEDICADA PELA CIDADE DO PORTO AO PRÍNCIPE REGENTE — PB — 55 mm — JOÃO FIGUEIREDO — A. LAMAS 80.
- 1802 — COMPANHIA REAL DAS FIAÇÕES DE TECIDOS DE SEDA — NO TEMPO DA FELIZ REGÊNCIA — PRÉMIO DE MERECIMENTO — AR (dourada) — 50 mm — JOSÉ GASPART — L. FERNANDES 73.
- 1808 — Comemorativa da Restauração do Legítimo Governo no PORTO, EM 18 DE JUNHO DE 1808 — PB — 41 mm — A. LAMAS 83.
- 1808 — 1814 — GUERRA PENINSULAR — Comemorativa das Batalhas do Vimeiro e da Roliça — AE (dourada) — 15 mm — A. LAMAS 87.
(Faz parte da Colecção das 25 medalhas, referentes às campanhas do General DUKE OF WELLINGTON, encerradas numa caixa de metal, cilíndrica, que possui).
- 1808 — 1815 — GUERRA PENINSULAR — CRUZ DE PRATA PARA OFICIAIS E SOLDADOS — AR — 28 × 28 mm — S. LEITÃO 75.
- 1809 — Comemorativa da TOMADA DE CAIENA AOS FRANCESES — AE 51 mm — A. LAMAS não menciona em cobre, mas sim em prata, com o N.º 88.
- S/data — Dedicada ao Príncipe Regente de Portugal D. JOÃO — VOTA PUBLICA — AE — 54 mm — A. LAMAS 92.
- 1812 — Dedicada a LORD WELLINGTON — AE — 27 mm — A. LAMAS 98.
- 1815 — Comemorativa da PARTICIPAÇÃO DA ESCÓCIA NAS GUERRAS NAPOLEÓNICAS — Colecção de Medalhas das Campanhas de Wellington — Medalha N.º 10 — de MUDIE — DUBOIS — A. LAMAS só menciona em prata, com o N.º 102.
- 1816 — Comemorativa do CASAMENTO DA INFANTA D. MARIA ISABEL COM FERNANDO VII — AR — 34 mm — A. LAMAS 103.
- 1816 — Comemorativa do CASAMENTO DA INFANTA D. MARIA ISABEL COM FERNANDO VII — AE — 34 mm — A. LAMAS 104.

- 1821 — Comemorativa de CAMÕES — pertence à Série NUMISMÁTICA VIORUM ILLUSTRUM e gravada por CAQUÉ — AE — 41 mm — A. LAMAS 113.
- 1823 — Reprodução galvanoplástica do anverso da Medalha comemorativa da RESTAURAÇÃO DO REGIME ABSOLUTO — (VILAFRANCADA) — AE — 113,5 mm — A. LAMAS 116.
- 1823 — Reprodução galvanoplástica do reverso da Medalha comemorativa da RESTAURAÇÃO DO REGIME ABSOLUTO — (VILAFRANCADA) — AE — 113,5 mm — A. LAMAS 117.
- 1823 — D. JOÃO VI — FIDELIDADE AO REI E À PÁTRIA — (Medalha intitulada de Vila Franca), dois semicírculos entre estrelas — C/ argola AR — 26 mm — S. LEITÃO 88.
- 1823 — D. JOÃO VI — FIDELIDADE AO REI E À PÁTRIA — (Medalha intitulada de Vila Franca), dois semicírculos entre estrelas — S/ argola — AR — 26 mm — S. LEITÃO 88.
- 1823 — D. JOÃO VI — HERÓICA FIDELIDADE TRANSMONTANA — AR — 26 mm — S. LEITÃO 94.
- 1824 — Comemorativa da VISITA DE D. MIGUEL À CASA DA MOEDA DE PARIS EM 28/6/1824 — AE — 41 mm — A. LAMAS 118.
- 1826 — CABEÇA DE PALAS — OMNIA VINCIT SAPIENTIA — AR — 38 mm.
- 1826 — CABEÇA DE PALAS — OMNIA VINCIT SAPIENTIA — AE — 38 mm — (Ensaio para gravadores da Casa da Moeda de Lisboa) — S. LEITÃO 86.
- 1826 — 1834 — D. PEDRO E D. MARIA — CAMPANHAS DA LIBERDADE.
- Algarismo 1 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
- » 1 — AE — 20 mm — miniatura — D. Maria no 1.º plano.
- » 2 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
- » 2 — AE — 15 mm — miniatura — D. Pedro no 1.º plano.
- » 3 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
- » 3 — AE — 30 mm — D. Maria no 1.º plano.
- » 3 — AE — 20 mm — miniatura — D. Maria no 1.º plano.
- » 3 — AE — 20 mm — miniatura — D. Pedro no 1.º plano.
- » 4 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
- » 5 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
- » 6 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
- » 7 — AE — 30 mm — miniatura — D. Pedro no 1.º plano.
- » 8 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
- » 8 — AE — 30 mm — D. Maria no 1.º plano.
- » 9 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.

- 1826 — 1834 — D. PEDRO E D. MARIA — SERVIÇOS CIVIS.
 Algarismo 1 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
 » 3 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
 » 4 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
 » 5 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
 » 7 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
 » 8 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
 » 9 — AE — 30 mm — D. Pedro no 1.º plano.
- 1828 — Prova do avverso de uma medalha de D. MIGUEL I — REI DE PORTUGAL — AE — 52 mm.
- 1829 — Dedicada pela ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS A D. MIGUEL — AE — 57 mm — *JEAN JOSEPH DUBOIS* — A. LAMAS 124.
- 1833 — Dedicada à RAINHA D. MARIA II — AE — 36 mm — *BARRÉ* — A. LAMAS 125.
- 1833 — Dedicada à RAINHA D. MARIA II — AE (dourada) — 36 mm — *BARRÉ* — A. LAMAS 126.
- S/data — REGIMENTOS BELGAS QUE SE DISTINGUIRAM NAS LUTAS LIBERAIS — PB — 36 mm — *THF*.
- S/data — REGIMENTOS ESTRANGEIROS QUE SE DISTINGUIRAM NAS LUTAS LIBERAIS — PB — 24 mm — *BARRÉ*.
- 1833 — Dedicada a EL-REI D. PEDRO IV — AE — 42 mm — *GONZAGA* — A. LAMAS 129.
- 1835 — SOCIEDADE FARMACÉUTICA LUSITANA — 24 de Julho de 1835 — AE — 31 mm — *S. LEITÃO* 157.
- 1835 — DIVISÃO AUXILIAR A ESPANHA QUE SERVIU NOS ANOS DE 1835 A 1837 — AR — 30 mm — *F. A. P.* — *S. LEITÃO* 154.
- 1840 — CONSERVATÓRIO REAL DE MÚSICA DE LISBOA — PRÉMIO DA ESCOLA DE MÚSICA — AR — 31 mm — *S. LEITÃO* 159.
- 1851 — Comemorativa da EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS INDUSTRIAIS DE TODAS AS NAÇÕES — Medalha atribuída a Portugal pelos N.ºs 926-932-963 — (Foi seu presidente de honra o Príncipe Alberto de Inglaterra) — AE — 44 mm — *W. WION*.
- 1852 — Comemorativa da VISITA DA FAMÍLIA REAL AO PORTO — PB com a cor natural — 55 mm — *MANUEL DE MORAIS SILVA RAMOS* — A. LAMAS 134.
- 1852 — PRIMEIRA EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA — AO MÉRITO — AR — 50 mm — *F. B. FREIRE* — *S. LEITÃO* 172 — RARA.
- 1852 — PRIMEIRA EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA — AO MÉRITO — AE — 50 mm — *F. B. FREIRE* — *S. LEITÃO* 173.

- 1852 — D. MARIA II — AO MÉRITO — FILANTROPIA E GENEROSIDADE — AR — 29 mm — GERARD — Fita azul e branca — S. LEITÃO 164.
- 1852 — INSÍGNIA DO INSTITUTO DE COIMBRA — ACADEMIA NACIONAL DE HERÁLDICA E GENEALOGIA — AR (dourada) — 46×70 mm.
- 1854 — SOCIEDADE DE FLORA E POMONA — 1.ª EXPOSIÇÃO REALIZADA DE 12 A 14/5/1854 — AE mm — F. B. FREIRE — S. LEITÃO 176.
- 1854 — Comemorativa da VISITA DE EL-REI D. PEDRO V A BRUXELAS — AE — 54 mm — LAURENT JOSEPH HART — A. LAMAS 140.
- 1855 — CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO — ESCOLA POPULAR DE CANTO FUNDADA POR JACOPO CARLI DE VERONA — AE — 39 mm — GERARD — S. LEITÃO 180.
- 1855 — EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS — AGRICULTURA — INDÚSTRIA — BELAS ARTES. NAPOLEÃO III — No reverso tem os escudos dos Países que estiveram representados e o de Portugal é o 12.º, a contar da esquerda para a direita — AE — 60 mm — BARRÉ — S. LEITÃO 181.
- 1856 — D. PEDRO V — ESCOLA REAL DE MAFRA — AR (dourada) — 39 mm — GERARD — S. LEITÃO 183.
- 1856 — Comemorativa da VISITA DE EL-REI VIÚVO, D. FERNANDO, À CASA DA MOEDA DE SEVILHA, EM 14 DE MAIO DE 1856 — AE — 37 mm — A. LAMAS 143 — RARA.
- 1856 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE LESTE EM 28 DE OUTUBRO DE 1856 — AR — 49,5 mm — GERARD — A. LAMAS 145.
- 1856 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE LESTE EM 28 DE OUTUBRO DE 1856 — AE — 49,5 mm — GERARD — A. LAMAS 146.
- 1857 — LICEU DA CELESTIAL ORDEM TERCEIRA DE S. S. TRINDADE — DISTINÇÃO — AR — 34 mm — GERARD — S. LEITÃO 185.
- 1857 — ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE — EXPOSIÇÃO — AO MÉRITO — AE — 39 mm — MOLARINHO — S. LEITÃO 187.
- 1857 — SOCIEDADE AGRÍCOLA DO PORTO — EXPOSIÇÃO — AO MÉRITO — AR — 39 mm — S. LEITÃO 188.
- 1858 — CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO — ESCOLA POPULAR DE CANTO — AO MÉRITO — AE — 39 mm — L. FERNANDES 121 — GERARD.
- 1858 — Comemorativa do CASAMENTO DE EL-REI D. PEDRO V COM D. ESTEFÂNIA FREDERICA GUILHERMINA ANTÓNIA EM 29 DE ABRIL DE 1858 — AE — 75 mm — L. WIENER — A. LAMAS 148.

- 1858 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — DEDICADA A D. PEDRO V. FEBRE AMARELA — LISBOA AGRADECIDA À DEVOÇÃO HUMANITÁRIA — AR — 32 mm — *FREIRE* — *S. LEITÃO* 190.
- 1858 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — MINIATURA DA MEDALHA DEDICADA A D. PEDRO V — FEBRE AMARELA — LISBOA AGRADECIDA À DEVOÇÃO HUMANITÁRIA — AR — 15 mm — *FREIRE*.
- 1860 — D. PEDRO V — MEDALHA MILITAR — EXPEDIÇÃO A ANGOLA — AE — 33 mm — *A. F. G. F.* — *S. LEITÃO* 192.
- 1861 — D. PEDRO V — REI DE PORTUGAL — O AMIGO DOS QUE TRABALHAM — Madeira endurecida — 113 mm.
- 1861 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DOS TRABALHOS PARA A CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO, EM 3/9/1861 — AE — 53 mm — Não mencionada em *LAMAS* — RARA.
- 1861 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DOS TRABALHOS PARA A CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO, 3/9/1861 — PB (cor natural) — 53 mm — *MOLARINHO* — *A. LAMAS* 149.
- 1861 — ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE — EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DO PORTO — AO MÉRITO — AE — 36 mm — *GERARD* — *S. LEITÃO* 198.
- 1862 — LONDINI — HONORIS CAUSA — MEDALHA ATRIBUÍDA À REAL COMPANHIA DE TABACOS EM LISBOA — Classe III — AE — 77 mm — *LEONARD C. WYON*.
- 1862 — LONDINI — HONORIS CAUSA — MEDALHA ATRIBUÍDA A ANTÓNIO BERNARDO PEREIRA — Classe III — AE — 77 mm — *LEONARD C. WYON*.
- 1862 — Comemorativa do casamento de EL-REI, O SENHOR D. LUÍS, COM A RAINHA, A SENHORA D. MARIA PIA DE SABÓIA, EM 27/9/1862 — AR — 75 mm — *D. CANZANI* — *A. LAMAS* 151 — RARA.
- 1862 — Comemorativa do casamento de EL-REI, O SENHOR D. LUÍS COM A RAINHA, A SENHORA D. MARIA PIA DE SABÓIA, EM 27/9/1862 — AE — 75 mm — *D. CANZANI* — *A. LAMAS* 152.
- 1862 — Dedicada À MEMÓRIA DOS RESTAURADORES DE PORTUGAL DE 1640 — PB — 30 mm — *MOLARINHO* — *A. LAMAS* 155.
- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — MEDALHA MILITAR — COMPORTAMENTO EXEMPLAR — AE — 32 mm — S/ condecorações — *FREDERICO AUGUSTO DE CAMPOS*.
- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — MEDALHA MILITAR — COMPORTAMENTO EXEMPLAR — AR — 32 mm — S/ condecorações, de maior espessura — *F. A. DE CAMPOS*.

- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — MEDALHA MILITAR — COM-
PORTAMENTO EXEMPLAR — AE — 32 mm — S/ condecorações —
(Não menciona gravador).
- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — MEDALHA MILITAR — COM-
PORTAMENTO EXEMPLAR — AE — 32 mm — S/ condecorações —
F. A. DE CAMPOS — (Variante no cunho).
- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — MEDALHA MILITAR — COM-
PORTAMENTO EXEMPLAR — AR — 32 mm — C/ condecorações —
SILVA.
- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — MEDALHA MILITAR — COM-
PORTAMENTO EXEMPLAR — AR — 32 mm — C/ condecorações —
(Não menciona gravador).
- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — ENSAIO DA MEDALHA MILI-
TAR — COMPORTAMENTO EXEMPLAR — AR — 32 mm — S/ argola
— *F. A. DE CAMPOS* — *S. LEITÃO* 206.
- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — ENSAIO DA MEDALHA DE
VALOR — PB — 32 mm — S/ argola — *F. A. DE CAMPOS*.
- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — MEDALHA MILITAR — BONS
SERVIÇOS — AR — 32 mm — C/ condecorações — *SILVA* — *S. LEI-
TÃO* 205.
- 1863 — D. LUÍS I — REI DE PORTUGAL — MEDALHA MILITAR — BONS
SERVIÇOS — «MINIATURA» — AR — 11 mm — C/ condecorações —
S. LEITÃO — miniatura 205.
- 1863 — EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE BRAGA — AO MÉRITO — AR — 36 mm
— *MOLARINHO* — *S. LEITÃO* 208.
- 1863 — EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE BRAGA — AO MÉRITO — AE — 36 mm
— *MOLARINHO* — *S. LEITÃO* 209.
- 1863 — EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE BRAGA — AO MÉRITO — PB — 36 mm
— *MOLARINHO* — *S. LEITÃO* — Falta neste metal.
- 1863 — EXPOSIÇÃO FABRIL DE LISBOA — AO MÉRITO — AE — 36 mm
GERARD — *S. LEITÃO* 212.
- 1864 — REAL ASSOCIAÇÃO CENTRAL DA AGRICULTURA PORTUGUESA
— MEDALHA DE HONRA — AE — 59 mm — *MOLARINHO* —
S. LEITÃO 216.
- 1864 — LICEU DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO,
DO PORTO — DISTINÇÃO — AR — 34 mm — *S. LEITÃO* 218.
- 1865 — EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL NO PORTO — AR — 58 mm —
C. WIENER — *S. LEITÃO* 220.
- 1865 — EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL NO PORTO — AE — 58 mm —
C. WIENER — *S. LEITÃO* 221.

- 1865 — Comemorativa da 1.^a EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUESA
— PB — 36 mm — *G. DOWLER* — *A. LAMAS* 159.
- 1866 — SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELAS ARTES EM PORTUGAL
— AR — 49 mm — *G. WIENER* — *S. LEITÃO* 222.
- 1866 — SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELAS ARTES EM PORTUGAL
MEDALHA DE PRÉMIO CONFERIDA A CASIMIRO JOSÉ DE LIMA
NA CLASSE DE GRAVURA DE MEDALHAS — EXPOSIÇÃO DE
1876.
- 1866 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A EL-REI
D. PEDRO IV, ERIGIDO NO PORTO — PB — 43,5 mm — *G. PREYER*
— *A. LAMAS* 163.
- 1867 — Dedicada a SUA SANTIDADE PIO IX — PB — 44 mm — *C. PREYER*
— *A. LAMAS* 165.
- 1867 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CAMÕES,
EM LISBOA — AE — 56 mm — *F. A. DE CAMPOS* — *A. LAMAS* 166.
- 1867 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CAMÕES,
EM LISBOA — PB — 56 mm — *F. A. DE CAMPOS* — *A. LAMAS* 166.
- 1867 — Comemorativa da IGREJA DE SANTA MARIA DE BELÉM — VULGO
DOS JERÓNIMOS — AE — 59,5 mm — *J. ET CH. WIENER* —
A. LAMAS 167.
- 1867 — Comemorativa do CONVENTO DA BATALHA — AE — 59,5 mm —
J. WIENER — *A. LAMAS* 168.
- 1868 — MEDALHA CONFERIDA A JOAQUIM JOSÉ ALVES PELA FACUL-
DADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE LIVRE DE BRUXELAS
EM 19 DE OUTUBRO DE 1868 — AE — 37 mm.
- 1868 — SOCIEDADE DE BENEFICÊNCIA BRASILEIRA EM PORTUGAL
FUNDADA EM 2 DE DEZEMBRO DE 1868 — AE (dourada) —
43 mm — Falta em *LAMAS* — *CAVALCANTI* 166 — RARA.
- 1869 — COLÉGIO DE S. CARLOS — PORTO — AO MÉRITO — AR (dourada)
— 31 mm — C/ argola — não mencionada em *LAMAS*.
- 1869 — COLÉGIO DE S. CARLOS — PORTO — AO MÉRITO — AR — 31 mm
— C/ argola — não mencionada em *LAMAS*.
- 1869 — COLÉGIO DE S. CARLOS — PORTO — AO MÉRITO — AE — 31 mm
— S/ argola — não mencionada em *LAMAS* — *S. LEITÃO* 239.
- 1869 — MEDALHA MAÇÓNICA — GRANDE ORIENTE LUSITANO UNIDO
— CONSELHO SUPERIOR DA MAÇONARIA PORTUGUESA — GA-
RANTIA DE AMIZADE — AE — 36 mm.

- 1870 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DE EL-REI D. PEDRO IV, ERIGIDO EM LISBOA — AE — 50 mm — *MOLARINHO* — A. LAMAS 170.
- 1870 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DE EL-REI D. PEDRO IV, ERIGIDO EM LISBOA — PB — 50 mm — *MOLARINHO* — A. LAMAS 171.
- 1870 — Prova galvanoplástica do reverso da medalha comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DE EL-REI D. PEDRO IV, ERIGIDO EM LISBOA — AE — 50 mm — *MOLARINHO* — A. LAMAS 170.
- 1872 — Comemorativa do CENTENÁRIO DA REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA — AE — 53,5 mm — *MOLARINHO* — A. LAMAS 176.
- 1872 — Reprodução galvanoplástica em prata, da medalha comemorativa do CENTENÁRIO DA REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA — AR — 53,5 mm — *MOLARINHO*.
- 1873 — Comemorativa do MONUMENTO DO BUÇACO E DEDICADA AO EXÉRCITO LUSO-BRITÂNICO — AE — 59 mm — L. (*Casimiro José de Lima*) — A. LAMAS 178.
- 1873 — Comemorativa do MONUMENTO DO BUÇACO E DEDICADA AO EXÉRCITO LUSO-BRITÂNICO — PB — 59 mm — L. (*Casimiro José de Lima*) — A. LAMAS 179.
- 1873 — Comemorativa do MONUMENTO DO BUÇACO E DEDICADA AO EXÉRCITO LUSO-BRITÂNICO — (Prova em cartão do reverso da medalha — 59 mm — C. J. DE LIMA.
- 1873 — EXPOSIÇÃO FABRIL DE LISBOA — AO MÉRITO — AE — 36 mm — *GERARD* — S. LEITÃO 213.
- 1873 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSIÇÃO ORNITOLÓGICA — AR — 40 mm — J. DE SOUSA — S. LEITÃO 297.
- 1873 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSIÇÃO ORNITOLÓGICA — AE — 40 mm — C. P. — S. LEITÃO 298.
- 1875 — CONSELHO DE AGRICULTURA DO DISTRITO DO PORTO — AE — 50 mm — *MOLARINHO*.
- 1875 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DO MINHO — AE — 53 mm — *MOLARINHO* — A. LAMAS 182.
- 1876 — SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA — INSÍGNIA PARA SÓCIO — AR (dourada) — 50 mm — com o escudo em esmalte — C/ argola.
- 1876 — SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA — J. M. PIRES — Única AR (dourada) — 50 mm — C. L. — C/ argola.

- 1876 — SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA — AE — 50 mm — *C. L.*
— S/ argola — *S. LEITÃO* 265.
- 1877 — REAL ASSOCIAÇÃO BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE BRAGA —
MEDALHA BOMBEIROS — BONS SERVIÇOS — atribuída a *A. MA-*
CHADO — AR — 32 mm — *CARVALHO FIGUEIRA* — *S. LEITÃO* 270.
- 1877 — REAL ASSOCIAÇÃO BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE BRAGA —
MEDALHA BOMBEIROS — BONS SERVIÇOS — AE — 32 mm — *CAR-*
VALHO FIGUEIRA — *S. LEITÃO* 271.
- 1877 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — EXPOSIÇÃO HORTÍCOLA-
-AGRÍCOLA — 1877 — AR — 40 mm — *MOLARINHO* — *S. LEITÃO*
293.
- 1877 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — EXPOSIÇÃO HORTÍCOLA-
-AGRÍCOLA — 1877 — AE — 40 mm — *MOLARINHO* — *S. LEITÃO*
294.
- 1877 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — EXPOSIÇÃO HORTÍCOLA-
-AGRÍCOLA — Sem data no plinto — AR — 40 mm — *MOLARINHO*
— *S. LEITÃO* 293 — RARA.
- 1877 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — EXPOSI-
ÇÃO DE AVES — AE — 39 mm — *S. LEITÃO* 296.
- 1877 — LUÍS FRANCISCO MIDOSI — INSTRUÇÃO PRIMÁRIA — 6 DE
OUTUBRO DE 1877 — AR — 30 mm.
- 1877 — Ensaio em chumbo para uma medalha a *ALEXANDRE HERCULANO*,
que não chegou a ser cunhada — PB — 50 mm.
- 1878 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSI-
ÇÃO HORTÍCOLA-AGRÍCOLA — AR — 39 mm — *H. C. F.*
- 1878 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSI-
ÇÃO HORTÍCOLA-AGRÍCOLA — AE — 39 mm — *H. C. F.*
- 1879 — A ASSOCIAÇÃO MUSICAL VINTE E QUATRO DE JULHO EM
HOMENAGEM A *BARBIERI* (*FRANCISCO ANSEJO BARBIERI*) —
INAUGURAÇÃO DOS CONCERTOS CLÁSSICOS EM 6 DE ABRIL
DE 1879, EM LISBOA — AE — 41,5 mm — *FREDERICO AUGUSTO*
DE CAMPOS — *A. LAMAS* 186.
- 1879 — REAL CASA PIA DE LISBOA — AO MÉRITO DO ALUNO — AR —
40 mm — *S. LEITÃO* 472.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE *CAMÕES*, MANDADA
CUNHAR PELA COMISSÃO DE FESTEJOS DO PORTO — AE —
76 mm — *A. LAMAS* 189 — *JOSÉ DE SOUSA*.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE *CAMÕES* E DO ASSEN-
TAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO EDIFÍCIO DO
GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, NO RIO DE JANEIRO —
AE — 61 mm — *JANVIER* — *A. LAMAS* 190 — RARA.

- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES (Feita por *F. A. DE CAMPOS*) — PB — 56 mm — *A. LAMAS* 192.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES E DEDICADA À IMPRENSA POR *MOLARINHO* — AE — 54 mm — *A. LAMAS* 194.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES, MANDADA CUNHAR PELA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA — AE — 50 mm — *CASIMIRO JOSÉ DE LIMA* — *A. LAMAS* 195.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — (De origem estrangeira) — AE — 47 mm — *A. LAMAS* 196.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — AE (dourada) — 28 mm — C/ saliência — *A. LAMAS* 197.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — AE (prateada) — 28 mm — C/ saliência — *A. LAMAS* 198.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — AE — 42 mm — *FREIRE* — *A. LAMAS* 201.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — PB — 42 mm — *FREIRE* — *A. LAMAS* 202.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — PB (bronzeadas) — 40 mm — *A. LAMAS* 203.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — AR — 14 mm — *A. LAMAS* 207 — RARA.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — AR — 14 mm — Variante da anterior — *A. LAMAS* 207. — RARA.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — AE — 124 mm — *SIMÕES*.
- 1880 — Ensaio em prata do anverso de uma medalha comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — AR — 25 mm — *CASSIANO AUGUSTO VIDAL DA MAIA*.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — PB — 30 mm — *MAIA* — *A. LAMAS* 209.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — AE (prateada) — 31 mm — *A. LAMAS* 210.
- 1880 — Comemorativa do TRICENTENÁRIO DE CAMÕES — PB — 31 mm — *MAIA* — *A. LAMAS* 211.
- 1880 — Comemorativa da FUNDAÇÃO DO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA — AR — 31 mm — *MAIA* — *A. LAMAS* 213.
- 1880 — Comemorativa da FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E ESCRITORES PORTUGUESES — AR — 31 mm — *MAIA* — *A. LAMAS* 216, mas em cobre.

- 1880 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSIÇÃO VINÍCOLA — MDCCCLXXX — AR — 39 mm — *J. DE SOUSA S. LEITÃO* 299.
- 1880 — Comemorativa da EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DISTRITAL DE SANTA-RÉM — AE — 55 mm — RARA.
- 1881 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DE CAMÕES, EM COIMBRA — AR — 18 mm — *MAIA* — *A. LAMAS* 220.
- 1881 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DE CAMÕES, EM COIMBRA — AR — 31 mm — *MAIA* — *A. LAMAS* não a menciona.
- 1881 — REAL GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS — AR — 31 mm — *S. LEITÃO* 337.
- 1882 — Comemorativa do CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL — PB — 35,5 mm — *MAIA* — *A. LAMAS* 221.
- 1882 — Comemorativa do CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL — PB — 34,5 mm — C/ argola — *A. LAMAS* 222.
- 1882 — Comemorativa do CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL — PB — 34,5 mm — S/ argola. — *A. LAMAS* 223.
- 1882 — Comemorativa do CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL — MANDADA CUNHAR PELO CLUBE DE REGATAS GUANABARENSE DO RIO DE JANEIRO — AE — 54,5 mm — *MOLARINHO* — *A. LAMAS* 225.
- 1882 — Comemorativa do CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL — PB 50,5 mm — *A. LAMAS* 228.
- 1882 — Comemorativa do CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL — PB (bronzeadas) — 36 mm — *DOMINGOS VENÂNCIO* — *A. LAMAS* 231.
- 1882 — Comemorativa do CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL — AE — 130 mm — *A. R.*
- 1882 — Comemorativa do QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA ENTRADA DO EXÉRCITO LIBERTADOR NO PORTO — AE — 30 mm — *MOLARINHO* — *A. LAMAS* 233.
- 1882 — Comemorativa do QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA ENTRADA DO EXÉRCITO LIBERTADOR NO PORTO — PB — 30 mm — *MOLARINHO* — *A. LAMAS* não menciona.
- 1882 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — AO MÉRITO — AR — 37 mm.
- 1882 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — AO MÉRITO — AE — 37 mm.
- 1883 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — O ESTUDO E O TRABALHO SÃO O PATRIMÓNIO DOS POBRES — AE — 37 mm.
- 1883 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — AO MÉRITO — AR — 37 mm — *S. LEITÃO* 348.

- 1884 — EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE LISBOA, NA REAL TAPADA DA AJUDA — AR — 59 mm — *F. A. DE CAMPOS* — *S. LEITÃO* 349.
- 1884 — EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE LISBOA, NA REAL TAPADA DA AJUDA — AE — 59 mm — *F. A. DE CAMPOS* — *S. LEITÃO* 350.
- 1884 — DR. JOÃO PINTO RIBEIRO — S. B. M., AOS HERÓIS PORTUGUESES E R. SANTA ISABEL — MEDALHA DE MÉRITO SOCIAL — AV — 32 mm — RARA.
- 1884 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DO TEMPLO DO BOM JESUS DO MONTE, BRAGA — AE — 55 mm — *A. LAMAS* 234.
- 1885 — Dedicada a CAPELO E IVENS PELA PROVÍNCIA DE ANGOLA — AE — 51 mm — *MOLARINHO* — *A. LAMAS* 236 — RARA.
- 1885 — Dedicada a CAPELO E IVENS PELA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA — AE — 50 mm — *C. L. (Casimiro de Lima)* — *A. LAMAS* 237.
- 1885 — Dedicada a CAPELO E IVENS PELO ATENEU COMERCIAL DO PORTO — AE — 51 mm — *MOLARINHO* — *A. LAMAS* 240. — RARA.
- 1885 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — AO MÉRITO — AE — 37 mm.
- 1887 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DOS TRABALHOS PARA OS MELHORAMENTOS NO PORTO DE LISBOA — AE — 42 mm — *A. LAMAS* 243.
- 1887 — Dedicada ao Sr. CONSELHEIRO FRANCISCO ANTÓNIO DA VEIGA BEIRÃO, PELA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO — AE — 51 mm — *C. MAIA* — *A. LAMAS* 246.
- 1888 — EXPOSIÇÃO PROMOVIDA PELA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, EM LISBOA — AE (prateada) — 50 mm — *J. LEIPOLD* e *E. MOUCHON* — *S. LEITÃO* 366.
- 1888 — EXPOSIÇÃO PROMOVIDA PELA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, EM LISBOA — AE — 50 mm — *J. LEIPOLD* e *E. MOUCHON* — *S. LEITÃO* 366.
- 1888 — SECÇÃO AGRÍCOLA DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, EM LISBOA — AR — 50 mm — *S. LEITÃO* 365 — RARA.
- 1888 — SECÇÃO AGRÍCOLA DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, EM LISBOA — AE — 50 mm.
- 1888 — EXPOSIÇÃO DE VINHOS PORTUGUESES EM BERLIM — AE — 42 mm — *C. LOOS* — *S. LEITÃO* 367.
- 1889 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — EXPOSIÇÃO DE CÃES, ARMAS E UTENSÍLIOS DE CAÇA E PESCA — AR — 39 mm — *S. LEITÃO* 371.

- 1889 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — EXPOSIÇÃO DE CÃES, ARMAS E UTENSÍLIOS DE CAÇA E PESCA — AE — 39 mm — *S. LEITÃO* 372.
- 1889 — D. CARLOS I — REI DE PORTUGAL — ACLAMAÇÃO EM 28 DE DEZEMBRO DE 1889 — AR — 32 mm — *V. ALVES*.
- 1889 — D. CARLOS I — REI DE PORTUGAL — ACLAMAÇÃO EM 28 DE DEZEMBRO DE 1889 — AE — 32 mm — *V. ALVES*.
- 1889 — EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS — MEDALHA ATRIBUÍDA AO MUSEU COLONIAL DE LISBOA — AE — 53 mm — *LOUIS BOTTÉE*.
- 1889 — EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS — MEDALHA ATRIBUÍDA A ANTÓNIO HENRIQUES — AE — 63 mm — *LOUIS BOTTÉE*.
- 1889 — CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS — EXPOSIÇÃO PECUÁRIA, AGRÍCOLA E INDUSTRIAL — AR — 31 mm.
- 1891 — D. CARLOS I — REI DE PORTUGAL — ASSIDUIDADE DE SERVIÇO NO ULTRAMAR — AR (dourada) — 32 mm — *SILVA*.
- 1891 — D. CARLOS I — REI DE PORTUGAL — SERVIÇOS NO ULTRAMAR — AR — 29 mm.
- 1892 — SOCORROS A NAUFRAGOS — CORAGEM, ABNEGAÇÃO E HUMANIDADE — 9 DE JUNHO DE DE 1892 — AE — 34 mm.
- 1893 — REGATAS DO RIO LIMA — VIANA DO CASTELO — AO MÉRITO — 18 DE AGOSTO — AE — 30 mm — *S. LEITÃO* 399.
- 1893 — CORRIDAS VELOCIPÉDICAS — VIANA DO CASTELO — AO MÉRITO — 20 DE AGOSTO — AE — 30 mm.
- 1893 — ASSOCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA ATALAIA DE MONTE AGUDO — AE (prateada) — 31 mm — *MAIA*.
- 1893 — VELO CLUBE DO PORTO — CORRIDAS DE VELOCÍPEDES — AO MÉRITO — AE — 31 mm — *S. LEITÃO* 403.
- 1893 — D. CARLOS I — REI DE PORTUGAL — MÉRITO INDUSTRIAL — AR — 38 mm.
- 1894 — Comemorativa do QUINGENTENÁRIO DO INFANTE D. HENRIQUE — AE — 51 mm — *MOLARINHO* — *A. LAMAS* 261.
- 1894 — Comemorativa do QUINGENTENÁRIO DO INFANTE D. HENRIQUE — PB — 51 mm — *MOLARINHO* — *A. LAMAS* 262.
- 1894 — EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA INDUSTRIAL DE VILA NOVA DE GAIA — (5.º CENTENÁRIO DO INFANTE D. HENRIQUE) — AE (prateada) — 40 mm — *MOLARINHO*.
- 1894 — EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA INDUSTRIAL DE VILA NOVA DE GAIA — (5.º CENTENÁRIO DO INFANTE D. HENRIQUE) — AE — 40 mm — *MOLARINHO*.

- 1894 — Dedicada ao DR. JOSÉ TOMAZ DE SOUSA MARTINS — AE — 63,5 mm — *CASIMIRO JOSÉ DE LIMA*.
- 1894 — Comemorativa do QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO E DA PEREGRINAÇÃO AO SAMEIRO — 20 DE MAIO DE 1894 — AE (amarelada — 32 mm — *A. LAMAS* 266.
- 1894 — PAPELARIA AUREA — PALHARES & COM.^{TA} — Alumínio — 37 mm — *S. LEITÃO* 457.
- 1894 — SOCORROS A NÁUFRAGOS — CORAGEM, ABNEGAÇÃO E HUMANIDADE — AE — 33 mm — *S. LEITÃO* 463.
- 1894 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — EXPOSIÇÃO INSULAR E COLONIAL — AE — 60 mm — *C. FIGUEIRA*.
- 1895 — Dedicada À MEMÓRIA DE JOSÉ ELIAS GARCIA — HOMENAGEM EM 22 DE ABRIL DE 1895 — Alumínio — 36,6 mm — *A. LAMAS* 267.
- 1895 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE PRETÓRIA A LOURENÇO MARQUES — AE — 43 mm — *J. P. M. — (Johan Philip Matias)* — *A. LAMAS* 268.
- 1895 — EXPEDIÇÃO A MOÇAMBIQUE — D. AMÉLIA — 1894-1895 — AR — 32 mm — *VENÂNCIO ALVES*.
- 1895 — EXPEDIÇÃO A MOÇAMBIQUE — D. AMÉLIA — 1894-1895 — AE — 32 mm — *VENÂNCIO ALVES*.
- 1895 — RAINHA D. AMÉLIA — CAMPANHAS DO ULTRAMAR — AR — 32 mm — *F. COSTA*.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — Alumínio — 36,5 mm — *A. LAMAS* 271.
- 1895 — Ensaio do reverso da medalha comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — AE — 40 mm — *MAIA — A. LAMAS* 272.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — AR — 31 mm — *DOMINGOS ALVES DO REGO — A. LAMAS* 273.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — AE — 31 mm — *REGO — A. LAMAS* 275.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — AE — 30,5 mm — *MAIA — A. LAMAS* 276, em prata.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — AE (amarela) — 25 mm — *MAIA — A. LAMAS* 280-C.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — AE (amarela) — 25 mm — *A. LAMAS*, menciona em prata, com o N.º 278-B.

- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — AR — 18 mm — *MAIA* — A. *LAMAS* 286.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — AR — 16,5 mm — *MAIA* — A. *LAMAS* 289.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — PB — 17 mm — *FREIRE GR.* — A. *LAMAS* 291.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — PB — 17 mm — *FREIRE GR.* — com furo intencional, para usar ao peito — A. *LAMAS* 291.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — AR — 15,5 mm — *VENÂNCIO ALVES* — A. *LAMAS* 293.
- 1895 — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — TOSTÃO DE SANTO ANTÓNIO — AR — 15,5 mm — *VENÂNCIO ALVES* — C/ argola — A. *LAMAS* 294.
- 1895 — Comemorativa do 1.º CONGRESSO CATÓLICO INTERNACIONAL (Por ocasião do VII Centenário de Santo António) — AE (dourada) — 51 mm — A. *LAMAS* 298.
- 1895 — Comemorativa do 1.º CONGRESSO CATÓLICO INTERNACIONAL (Por ocasião do VII Centenário de Santo António) — AE (prateada) — 51 mm — A. *LAMAS* 298.
- 1895 — Comemorativa do 1.º CONGRESSO CATÓLICO INTERNACIONAL (Por ocasião do VII Centenário de Santo António) — AE — 51 mm — A. *LAMAS* 298.
- 1895 — FÁBRICA DA FAIANÇA DAS CALDAS DA RAINHA — Comemorativa do VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — Louça — 67×38 mm — cor de barro — *RAFAEL BORDALO PINHEIRO*.
- 1895 — FÁBRICA DE FAIANÇA DAS CALDAS DA RAINHA — COMEMORATIVA DO VII CENTENÁRIO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA — Louça — 67×38 mm — cor verde — *R. B. PINHEIRO*.
- S/data — SANTO ANTÓNIO — ORA PRO NOBIS — AVE MARIA GRACIA PLENA — Alumínio — 45×27 mm.
- S/data — Medalha em forma de Cruz, dedicada a SANTO ANTÓNIO, CONCEDE 100 DIAS DE INDULGÊNCIA — LEÃO XIII — 21 DE MAIO DE 1892 — AE — 57×51 mm.
- S/data — Medalha em forma de Cruz, dedicada a SANTO ANTÓNIO, CONCEDE 100 DIAS DE INDULGÊNCIA — LEÃO XIII — 21 DE MAIO DE 1892 — Alumínio — 57×21 mm.
- 1897 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL — AE (dourada) — 52 mm — A. *REGO*.

- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — (medalha fundida e com o diâmetro menor da que vem registada no *LAMAS* com o n.º 302 e que diz ter 104 mm) — AE — 100 mm.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AE — 50 mm — *OLÁ* — A. *LAMAS* 304.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AE — 22,5 mm — A. *LAMAS* 308.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 31 mm — A. *LAMAS* 309.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — (reprodução da moeda de 500 Réis de D. LUÍS, no reverso) — AR — 30,5 mm — A. *LAMAS* 311.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — (reprodução do tipo do anverso da moeda, O PORTUGUÊS, de D. MANUEL I) — AR — 30,5 mm — A. *LAMAS* 312.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — (reprodução do tipo do anverso da moeda, O PORTUGUÊS, de D. MANUEL I) — AE — 30,5 mm — A. *LAMAS* não menciona neste metal.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — (reprodução do tipo do anverso da moeda, O PORTUGUÊS, de D. MANUEL I) — Alumínio — 30,5 mm — A. *LAMAS* 313.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — Alumínio — 27 mm — A. *LAMAS* 316.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — Alumínio — 28,5 mm — A. *LAMAS* 318.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — Alumínio — 28,5 mm — A. *LAMAS* 319.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — Alumínio — 28,5 mm — A. *LAMAS* 321.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 21 mm — C/ aro encordoado e argola — A. *LAMAS* não a menciona.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 22 mm — Sobre uma Cruz de Cristo esmaltada em encarnado e branco — A. *LAMAS* não a menciona.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 17,5 mm — *JOSÉ SÉRGIO CARVALHO DA SILVA* — A. *LAMAS* 326.

- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 17,5 mm — *JOSÉ SÉRGIO CARVALHO DA SILVA* — C/ aro e argola — *A. LAMAS* 327.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 17,5 mm — *JOSÉ SÉRGIO CARVALHO DA SILVA* — só com argola — *A. LAMAS* 326.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — PB — 17 mm — *A. LAMAS* 329.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 17,5 mm — C/ aro encordado — *A. LAMAS* 330.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 16,5 mm — com a divisa «TALENT DE BIEN FAIRE» — *GAMA* — *A. LAMAS* 331.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 16,5 mm — C /argola. Anverso diferente e reverso igual, tendo a legenda VASCO DA GAMA, em vez de TALENT DE BIEN FAIRE. *A. LAMAS* não a menciona.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 15,5 mm — *A. LAMAS* 335.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 15,5 mm — C/ argola — *A. LAMAS* 335.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 14 mm — *A. LAMAS* 337.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DA DESCOBERTA DA ÍNDIA — MOEDA DE 1000 Réis — AR — 37 mm.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DA DESCOBERTA DA ÍNDIA — MOEDA DE 500 Réis — AR — 30 mm.
- 1898 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DA DESCOBERTA DA ÍNDIA — MOEDA DE 200 Réis — AR — 23 mm.
- 1898 — REAL ASSOCIAÇÃO CENTRAL DE AGRICULTURA PORTUGUESA — EXPOSIÇÃO E CONCURSO DE ALFAIAS AGRÍCOLAS POR OCASIÃO DO QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA — AR — 30 mm — RARA.
- 1898 — UNIÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUESES — AE — 31 mm.
- 1899 — Comemorativa da CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DE GARRETT EM PARIS — AE (dourada) — 68 mm — *H. DUBOIS* — *A. LAMAS* 341.
- 1899 — Comemorativa da CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DE GARRETT EM PARIS — AE — 68 mm — *H. DUBOIS* — *A. LAMAS* 341.

- 1899 — Comemorativa do CENTENÁRIO DA SEBENTA — AR — 20,5 mm
— *MANUEL MARTINS RIBEIRO* — A. LAMAS 342
- 1899 — Comemorativa do CENTENÁRIO DA SEBENTA — Alumínio — 20,5 mm
MANUEL MARTINS RIBEIRO — A. LAMAS 342 A.
- 1899 — ESCOLA NACIONAL DE ESGRIMA — 2.º TORNEIO NO SALÃO
DA TRINDADE — AR — 36 mm — atribuída a A. P. M.
- 1899 — MINISTÉRIO DA GUERRA — CONCURSO DE TIRO CIVIL — AR
— 32 mm.
- 1900 — Comemorativa da INAUGURAÇÃO DO PRIMITIVO MONUMENTO
DE SOUSA MARTINS — AE — 60 mm — A. LAMAS 343.
- 1900 — EXPOSIÇÃO UNIVERSAL INTERNACIONAL EM PARIS — Medalha
atribuída a A. LOUREIRO — AE — 63 mm.
- 1900 — EXPOSIÇÃO UNIVERSAL INTERNACIONAL EM PARIS — Medalha
atribuída a JOSÉ DA SILVA ROCHA — AE — 63 mm.
- 1900 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO
DO BRASIL — (Mandada cunhar pelo Instituto Geográfico e Histórico
da Baía) — AE — 51,5 mm — A. LAMAS 346 — RARA.
- 1900 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO
DO BRASIL — Alumínio — 28,5 mm — S/ argola — A. LAMAS 349.
- 1900 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO
DO BRASIL — Alumínio — 28,5 mm — C/ argola.
- 1900 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO
DO BRASIL — AR — 20 mm — A. LAMAS 355.
- 1900 — Comemorativa do ANO SANTO NA ÍNDIA — GOA — AR — 40 mm
— RARA.
- 1900 — CABEÇA DE CAVALO — Por *SIMÕES DE ALMEIDA (SOBRINHO)*
AE — 111 mm.
- 1901 — Comemorativa da VISITA RÉGIA ÀS ILHAS ADJACENTES E DA
EXPOSIÇÃO NA ILHA DE S. MIGUEL — AE (dourada) — 50 mm —
A. LAMAS não menciona.
- 1901 — Comemorativa da VISITA RÉGIA ÀS ILHAS ADJACENTES E DA
EXPOSIÇÃO NA ILHA DE S. MIGUEL — AE (prateada) — 50 mm —
A. LAMAS 358.
- 1901 — Comemorativa da VISITA RÉGIA ÀS ILHAS ADJACENTES E DA
EXPOSIÇÃO NA ILHA DE S. MIGUEL — AE — 50 mm — A. LA-
MAS 359.
- 1901 — Comemorativa da VISITA RÉGIA ÀS ILHAS ADJACENTES E DA
EXPOSIÇÃO NA ILHA DE S. MIGUEL — Alumínio — 29 mm —
LAMAS 361.

- 1901 — Comemorativa da VISITA RÉGIA ÀS ILHAS ADJACENTES E DA EXPOSIÇÃO NA ILHA DE S. MIGUEL — AE — 29 mm — C/ argola — A. LAMAS 362.
- 1901 — Comemorativa da VISITA RÉGIA ÀS ILHAS ADJACENTES E DA EXPOSIÇÃO NA ILHA DE S. MIGUEL — AE — 29 mm — S/ argola — A. LAMAS 362.
- 1901 — Comemorativa da VISITA RÉGIA AOS AÇORES E EXPOSIÇÃO DE INDÚSTRIAS, ARTES E CIÊNCIAS NA FEIRA FRANCA DE S. MIGUEL — REFERENTE A D. CARLOS I — REI DE PORTUGAL — Barro — 120 mm.
- 1901 — Comemorativa da VISITA RÉGIA AOS AÇORES E EXPOSIÇÃO DE INDÚSTRIAS, ARTES E CIÊNCIAS NA FEIRA FRANCA DE S. MIGUEL — REFERENTE A D. AMÉLIA — RAINHA DE PORTUGAL — Barro — 120 mm.
- 1901 — Comemorativa da VISITA DE UNS EXCURSIONISTAS PORTUGUESES A MONDARIZ — AE — 30 mm — A. LAMAS não menciona.
- 1901 — Comemorativa da VISITA DE UNS EXCURSIONISTAS PORTUGUESES A MONDARIZ — AE (prateada) — 30 mm — A. LAMAS não a menciona.
- 1902 — REGATAS DE PAÇO DE ARCOS, EM 12-10-1902 — atribuída a J. ANJOS, timoneiro da Tágide — AR — 32 mm.
- 1902 — UNIÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUESES — AE — 21 mm.
- 1902 — PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL — AE (dourada) — 25 mm — A. N. R.
- 1903 — Comemorativa da VISITA DO REI DE ESPANHA, D. AFONSO XIII, A PORTUGAL — AE — 28,5 mm — A. LAMAS 368, mas em alumínio.
- 1903 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA — 1903-1904 — AE (prateada) — 50 mm — LAUER — NURNBE.
- 1904 — Comemorativa do QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DOS EMPREGADOS DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA — AE (dourada) — 34 mm — BARROS — A. LAMAS 371.
- 1904 — Comemorativa do QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA DEFINIÇÃO DO DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO — AR — 34 mm — A. LAMAS 373.
- 1904 — Comemorativa do QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA DEFINIÇÃO DO DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO — Alumínio — 33×29 mm — A. LAMAS 374.

- 1904 — Comemorativa do QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA DEFINIÇÃO DO DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO — AE (amarela) — 33 mm — A. LAMAS 377.
- 1905 — Comemorativa do ENTERRO DO GRAU — AR — 21 mm — A. LAMAS 382.
- 1905 — Comemorativa do ENTERRO DO GRAU — Alumínio — 21 mm — A. LAMAS 383.
- 1905 — Comemorativa das BODAS DE PRATA DO BAZAR DOS TRÊS VINTEINS DO PORTO — AR — 19 mm.
- 1905 — Comemorativa das BODAS DE PRATA DO BAZAR DOS TRÊS VINTEINS DO PORTO — Alumínio — 19 mm.
- 1905 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, EMÍLIO LOUBET, A LISBOA — AR — 33 mm — A. REGO — A. LAMAS 385.
- 1905 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, EMÍLIO LOUBET, A LISBOA — AR — 30 mm — C/ argola — A. LAMAS 387.
- 1905 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, EMÍLIO LOUBET, A LISBOA — AR — 30 mm — S/ argola — A. REGO — A. LAMAS 387.
- 1905 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, EMÍLIO LOUBET, A LISBOA — Alumínio — 30 mm — A. REGO — A. LAMAS 386.
- 1905 — Comemorativa da VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, EMÍLIO LOUBET, A LISBOA — AE — 34 mm — A. REGO — A. LAMAS 388.
- 1905 — ROMARIA DO SENHOR JESUS DA SERRA — AE (prateada) — 34 mm.
- 1905 — REAL ASSOCIAÇÃO CENTRAL DE AGRICULTURA PORTUGUESA — CONGRESSO E EXPOSIÇÃO DE LEITARIA, OLIVICULTURA E INDÚSTRIA DO AZEITE — AE — 58 mm — L. e A. S. RIVER.
- 1905 — Medalha do 1.º PRÉMIO DE TIRO E SPORT DA REVISTA PORTUGUESA — CAMPEONATO DE TIRO — TAÇA DE D. CARLOS I — AR — 35 mm.
- 1906 — ROMARIA DO SENHOR JESUS DA SERRA — RECORDAÇÃO — AE (dourada) — 34 mm.
- 1906 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSIÇÃO DE AVES — AE (prateada) — 45 mm — A. DESAIDE.
- 1906 — Comemorativa do XX CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA EM LISBOA — AE (prateada) — 39×32 mm — PAUL RICHER.

- 1906 — Comemorativa do XX CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA EM LISBOA — AE — 39×32 mm — *PAUL RICHER*.
- 1906 — SPORT ALGÉS E DAFUNDO — 1.º PRÉMIO DA REGATA DE ESCALERES PARA JUNIORES, EM 23/9/906 — AE (dourada) — 32 mm.
- 1906 — GOVERNO GERAL DA PROVÍNCIA DE ANGOLA — MEDALHA PARA O CONCURSO NACIONAL DE TIRO, REALIZADO EM LUANDA — AE — 31 mm.
- 1907 — MINISTÉRIO DA GUERRA — CONCURSO NACIONAL DE TIRO — AE — 31 mm.
- 1907 — LIGA NAVAL PORTUGUESA — O FUTURO DE PORTUGAL ESTÁ NOS MARES — Comemorativa do FESTIVAL MARÍTIMO EM 1907 — AR — 32 mm.
- 1907 — ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DE EMPREGADOS no COMÉRCIO DE LISBOA — AO MÉRITO — AE — 36 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1908 — Dedicada a EL-REI, O SENHOR D. MANUEL II — HOMENAGEM DO BRASIL — AE — 28 mm — *A. LAMAS 405*.
- 1908 — Comemorativa da 10.ª CONFERÊNCIA TELEGRÁFICA INTERNACIONAL, REALIZADA EM LISBOA — AE — 45,5 mm — *A. LAMAS 407*.
- 1908 — REAL CLUBE NAVAL DE LISBOA — REGATA REALIZADA EM AZAMBUJA, EM 12/7/908 — AR — 38 mm.
- 1908 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSIÇÃO DE CRISÂNTEMOS — AE (dourada) — 40 mm.
- 1908 — COLUMBANO BORDALO PINHEIRO — HOMENAGEM AO GRANDE MESTRE — RECORDAÇÃO DO SARAU EM 22 DE ABRIL DE 1908 — Barro — 25×60 mm — *EDUARDO ELIAS*, modelador.
- 1908 — Comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DA ABERTURA DOS PORTOS DO BRASIL, AO COMÉRCIO INTERNACIONAL — Medalha atribuída ao CONDE DE PINHEL — Cobre prateado — 48 mm.
- 1908 — Comemorativa do QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO do COLÉGIO DE CAMPOLIDE — AE — 50 mm — *A. LAMAS 403*.
- 1909 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — CONCURSO DESPORTIVO INTERESCOLAR REALIZADO EM LISBOA — TAÇA ACADÉMICA — SALTO VARA — AR — 32 mm.
- 1909 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — CONCURSO DESPORTIVO INTERESCOLAR REALIZADO EM LISBOA — TAÇA MUNICIPAL — SALTO VARA — AR — 32 mm.

- 1909 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — CONCURSO DESPORTIVO INTERESCOLAR REALIZADO EM LISBOA — TAÇA MUNICIPAL — LUTA TRACÇÃO — AR — 32 mm.
- 1910 — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO DA GUERRA PENINSULAR — AE — 70 mm — *SIMÕES (Sobrinho)* — A. LAMAS 412.
- 1910 — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO DA GUERRA PENINSULAR — AR — 70 mm — *SIMÕES (Sobrinho)* — A. LAMAS 411.
- 1910 — Comemorativa do CENTENÁRIO DA GUERRA PENINSULAR — MOEDA DE 1000 Réis — AR — 37 mm — *V ALVES*.
- 1910 — Comemorativa do CENTENÁRIO DA GUERRA PENINSULAR — MOEDA DE 500 Réis — AR — 30 mm — *V. ALVES*.
- 1910 — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL — MOEDA DE 500 Réis — AR — 30 mm — *V. ALVES*.
- 1910 — REAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO RESGATE DAS ALMAS E SENHOR JESUS DOS PERDIDOS — ERMIDA NA FREGUESIA DOS ANJOS — Alumínio — 29×43 mm.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — Comemorativa da IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA, EM 5 DE OUTUBRO DE 1910, com a divisa «PÁTRIA E LIBERDADE» — AE — 58 mm — *O. ROTY*.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA UNIFACE, fundida — AE — 110 mm — *ARNALDO FRAGOSO*.
- 1910 — Comemorativa da PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA EM 5 DE OUTUBRO DE 1910 — AR — 20 mm — *LÚCIO*.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — COMEMORATIVA DO 5 DE OUTUBRO DE 1910 — AR — 27 mm — *H. BULHER*.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — COMEMORATIVA DO 5 DE OUTUBRO DE 1910 — AR — 27 mm — *H. BULHER* (variante).
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — ASSIDUIDADE DE SERVIÇO NO ULTRAMAR — AE — 32 mm.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — BONS SERVIÇOS — AE (niquelada) — 33 mm.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — BONS SERVIÇOS — AE — 34 mm. — *J. SÉRGIO*.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — BONS SERVIÇOS — AR — 33 mm.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — BONS SERVIÇOS — AR — 34 mm.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — COMPORTAMENTO EXEMPLAR — AR — 34 mm.

- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — COMPOR-
TAMENTO EXEMPLAR — AR — 33 mm.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — COMPOR-
TAMENTO EXEMPLAR — AR — 33 mm — (variante).
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — COMPOR-
TAMENTO EXEMPLAR — AR — 33 mm — (variante).
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — COMPOR-
TAMENTO EXEMPLAR — AR — 32 mm.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — COMPOR-
TAMENTO EXEMPLAR — AR — 32 mm — (variante).
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — COMPOR-
TAMENTO EXEMPLAR — AE — 32 mm.
- 1910 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — COMPOR-
TAMENTO EXEMPLAR — AV — 33 mm.
- 1911 — TRIUNFO DA REPÚBLICA PORTUGUESA — 1.º ANIVERSÁRIO
— AR — 16 mm.
- 1911 — REPÚBLICA PORTUGUESA — HOMENAGEM DE VILA FRANCA
DE XIRA NO 1.º ANIVERSÁRIO — AR — 20 mm.
- 1911 — Comemorativa do 1.º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA PORTUGUESA
AE — 30 mm.
- 1911 — Comemorativa do 1.º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA PORTUGUESA
— AE (prateada) — 30 mm.
- 1911 — Comemorativa do 1.º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA PORTUGUESA
— AE (prateada) — 20 mm.
- 1911 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSI-
ÇÃO DE AVES — AE (dourada) — 45 mm.
- 1912 — Comemorativa do 2.º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA PORTUGUESA
— AR — 31 mm.
- 1912 — D. MARIA II — AO MÉRITO — FILANTROPIA E GENEROSIDADE
— AR — 29 mm — *S. LEITÃO* 164 — (fita enc. e verde).
- 1913 — Comemorativa do 3.º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA PORTUGUESA
— AE (prateada) — 31 mm.
- 1913 — SOCIEDADE DO PALÁCIO DE CRISTAL PORTUENSE — EXPOSI-
ÇÃO DE ROSAS — AE (dourada) — 50 mm — *LAUER*.
- 1913 — CONGRESSO MAÇÓNICO INTERNACIONAL — LISBOA — AE —
39 mm — *HUG. F. DEP.*
- 1913 — FESTAS DA CIDADE — LISBOA — AE — 32 mm.
- 1914 — EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA — Prémio conferido a FERNANDO
A. P. VIEGAS — AE — 34 mm — *B. M.*

- 1914 — EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA — Prémio conferido a JOAQUIM A. MONTEIRO — AE — 39 mm.
- 1914 — INSTITUTO COMERCIAL PEREIRA DE SOUSA — AE (dourada) — 32 mm.
- 1914 — INSTITUTO COMERCIAL PEREIRA DE SOUSA — AE (dourada) — 33 mm.
- 1914 — Comemorativa do 4.º ANIVERSÁRIO DA IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA — MOEDA DE 1 ESCUDO — AR — 37 mm.
- 1915 — CONCURSO NACIONAL DE TIRO REALIZADO EM LISBOA — Medalha de prata para prémio — AR — 30 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1916 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — CAMPANHAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS — AR (dourada) — 33 mm.
- 1916 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — CAMPANHAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS — AE — 33 mm.
- 1916 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — CAMPANHAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS — AE — 32 mm.
- 1916 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — CAMPANHAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS — Passadeira com a legenda SUL DE ANGOLA — 1914-1915 — AR — 34 mm.
- 1916 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — CAMPANHAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS — AR (dourada) — 34 mm — Passadeira com a legenda NO MAR — 1916-1917-1918.
- 1916 — REPÚBLICA PORTUGUESA — MEDALHA MILITAR — CAMPANHAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS — Passadeira com a legenda DIO 1902 — AR — 33 mm.
- 1916 — COMPANHIA UNIÃO FABRIL — Medalha «ALFREDO DA SILVA» — AE — 60 mm.
- 1917 — NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA — Alumínio — 26×17 mm.
- 1917 — CONCURSO NACIONAL DE TIRO, REALIZADO EM LISBOA — Medalha de prata para prémio — AR — 30 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1917 — GRUPO DRAMÁTICO E DESPORTIVO DE CASCAIS — Medalha do 1.º PRÉMIO RARIDADES DA EXPOSIÇÃO DE CRISÂNTEMOS, REALIZADA EM 28-10-1917 — AR — 32 mm.
- 1918 — MEDALHA DA VITÓRIA — MEDALHA INTERALIADA DA GRANDE GUERRA — 1914-1918 — BR — 35 mm.
- 1918 — CRUZ VERMELHA PORTUGUESA — 3.º GRAU DE DEDICAÇÃO — INTER-ARMA-CARITAS — Esmaltada — 37×37 mm.

- 1918 — Miniatura da Medalha da CRUZ VERMELHA PORTUGUESA — 4.º GRAU DE DEDICAÇÃO — INTER-ARMA-CARITAS — Esmaltada — 10×10 mm.
- 1918 — SOCIEDADE PORTUGUESA DA CRUZ VERMELHA — SERVIÇOS DISTINTOS — AE — 31 mm.
- 1918 — SOCIEDADE PORTUGUESA DA CRUZ VERMELHA — ESPONTÂNEA E VALIOSA COOPERAÇÃO — AE — 32 mm.
- 1918 — SOCIEDADE PORTUGUESA DA CRUZ VERMELHA — MEDALHA DE AGRADECIMENTO — AE — 32 mm.
- 1918 — LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA — DIA DO SOLDADO — AE — 30 mm.
- 1918 — CRUZ DE GUERRA — MEDALHA MILITAR — Instituída pelo Decreto n.º 5060 de 30-11-1918 — AE — 45×45 mm.
- 1918 — SINDICATO AGRÍCOLA DA COVILHÃ — Comemorativa da EXPOSIÇÃO REGIONAL — AE — 30 mm.
- 1919 — CONCURSO NACIONAL DE TIRO, REALIZADO EM LISBOA — Medalha de ouro para prémio — AV — 30 mm — *J. DA SILVA*.
- 1919 — CONCURSO INTERALIADO DE PORTUGAL — AE (prateada e esmaltada) — 48×35 mm.
- 1920 — Plaquete de Homenagem À IMAGEM DE NOSSA SENHORA — BR — 90×60 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1920 — SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS — Medalha atribuída a D. LEOPOLDINA C., em 22 de Junho de 1920 — AR — 34 mm — *VIÇOSO & MORATALLA*.
- 1922 — 1.ª VIAGEM AÉREA DE GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL AO BRASIL — (TRAVESSIA DO ATLÂNTICO) — AE (prateada) — 32 mm — *VIÇOSO & MORATALLA*.
- 1922 — 1.ª VIAGEM AÉREA DE GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL AO BRASIL — (TRAVESSIA DO ATLÂNTICO) — AE — 22 mm — *VIÇOSO & MORATALLA*.
- 1922 — EXPOSIÇÃO NACIONAL DO 1.º CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, NO RIO DE JANEIRO — PAVILHÃO PORTUGUÊS — Alumínio — 31 mm.
- 1922 — ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DOS CAMINHOS DE FERRO DO SUL E SUESTE — AO MÉRITO — 1894-1922 — AE — 30 mm.
- 1923 — Dedicada pela cidade de Ceuta a uma MISSÃO PORTUGUESA QUE A VISITOU EM 4 DE AGOSTO DE 1923 — AE — 45 mm.
- 1924 — CONGRESSO NACIONAL EUCARÍSTICO REALIZADO EM BRAGA — AE — 35 mm.

- 1925 — CENTENÁRIO DE CAMILO — 1825-1925 — BR — 40 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1925 — ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE LISBOA — XIX PORTO-LISBOA — 1924-1925 — AR — 30 mm.
- 1925 — CORPO VOLUNTÁRIO DE SALVAÇÃO PÚBLICA — SERVIÇOS DISTINTOS — AR — 33,5 mm.
- 1925 — FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA — Plaquete comemorativa do 1.º CENTENÁRIO DA RÉGIA ESCOLA DE CIRURGIA — BR — 60×50 mm — *GUILHERME SANTOS*.
- 1926 — FESTAS DOS NOVOS À VIRGEM DA NAZARÉ — MAFRA — Alumínio — 20 mm.
- 1926 — MAFRA — 1925-1926 — Alumínio — 27 mm.
- 1926 — REPÚBLICA PORTUGUESA — SEGURANÇA PÚBLICA — HUMANIDADE - PÁTRIA - DEVER - DEDICAÇÃO - ALTRUIZMO — AR — 33 mm — *A. F.*
- 1926 — Comemorativa do 3.º CENTENÁRIO DA CANONIZAÇÃO DE SANTA ISABEL — FESTAS DA RAINHA SANTA ISABEL REALIZADAS EM COIMBRA — AE (prateada) — 24 mm.
- 1926 — Comemorativa do 3.º CENTENÁRIO DA CANONIZAÇÃO DE SANTA ISABEL — FESTAS DA RAINHA SANTA ISABEL REALIZADAS EM COIMBRA — AE — 24 mm.
- 1927 — CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — HOMENAGEM À BANDA MUNICIPAL DE MADRID EM 13 DE JULHO DE 1927 — AE — 33 mm.
- 1928 — Comemorativa da BATALHA DE OURIQUE — MOEDA DE 10 ESCUDOS — AR — 30 mm.
- 1929 — ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA — AO MÉRITO INDUSTRIAL — Feira de Amostras, realizada no Estoril — AE — 50 mm.
- 1930 — 2.º CENTENÁRIO DO MONUMENTO DE MAFRA — AE (dourada) — 25 mm.
- 1930 — SANATÓRIO MARÍTIMO DO OUTÃO — 14-12-1930 — AR — 27 mm.
- 1930 — Plaquete dedicada a VENCESLAU DE MORAIS — de nome completo, VENCESLAU JOSÉ DE SOUSA MORAIS — GRANDE ESCRITOR — AE — 185×155 mm — *RAUL XAVIER*.
- 1931 — Comemorativa do III JUBILEU DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA — 1779-1929 — AE — 63 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1931 — 1.º CONGRESSO NACIONAL DE ENGENHARIA — LISBOA — BR — 40 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1931 — GRUPO COLUMBÓFILO DA FOZ DO DOURO — 5.º PRÉMIO DA LARGADA — COIMBRA-LISBOA-FOZ, EM 20 DE JULHO DE 1931 — AR — 30 mm.

- 1931 — LEMBRANÇA DA EXPOSIÇÃO DE GOA — Alumínio — 28×29 mm.
- 1932 — GRANDE EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA — LISBOA — MEDALHA DE OURO — AE (dourada) — 50 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1932 — GRANDE EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA — LISBOA — COMISSÃO DE HONRA — AE — 50 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1932 — Plaquete dedicada à EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA EM LISBOA, NO PARQUE EDUARDO VII — BR — 55×40 mm — *JOÃO ANJOS*.
- 1932 — Plaquete dedicada à EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA EM LISBOA, NO PARQUE EDUARDO VII — BR — 80×51 mm — *JOÃO ANJOS*.
- 1933 — DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR — REFORMA MONETÁRIA DE 1931 — AR — 45 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1934 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — 1.ª EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA — AE (prateada) — 51 mm — *M. OSÓRIO*.
- 1934 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — 1.ª EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA — AE — 26 mm.
- 1934 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — 1.ª EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA — RECORDAÇÃO — AE (dourada) — 26 mm.
- 1934 — PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO — 1.ª EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA — DIÁRIO DE NOTÍCIAS — BOMBEIROS — Latão — 30×30 mm.
- 1934 — CABEÇA DE BÉBÉ, DE PERFIL — AE — 95 mm — *SIMÕES DE ALMEIDA (Sobrinho)*.
- 1935 — FÁBRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE — Comemorativa das FESTAS DA CIDADE — Porcelana — 60 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1935 — Dedicada a FINN KOREN, MINISTRO DA NORUEGA EM PORTUGAL — AR — 45 mm — *FRAGOSO* e *M. NORTE*.
- 1935 — Alegórica à ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES — AE — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1935 — Alegórica à ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES — AE — 45 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1936 — ANO X DA REVOLUÇÃO NACIONAL — 1926-1936 — AR — 40 mm — *M. NORTE* e *FRAGOSO*.
- 1936 — ANO X DA REVOLUÇÃO NACIONAL — 1926-1936 — AR — 35 mm — *M. NORTE* e *FRAGOSO*.
- 1936 — ANO X DA REVOLUÇÃO NACIONAL — 1926-1936 — AE — 35 mm — *M. NORTE* e *FRAGOSO*.

- 1936 — Comemorativa do VI CENTENÁRIO DA RAINHA SANTA ISABEL — AR — 40 mm.
- 1937 — MOCIDADE PORTUGUESA — 1.º ACAMPAMENTO NACIONAL — AE — 30×20 mm.
- 1937 — 4.º CENTENÁRIO DA TRANSFERÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA PARA COIMBRA — BR — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1937 — COMPANHIAS REUNIDAS GAZ E ELECTRICIDADE — LISBOA — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1937 — COMPANHIAS REUNIDAS GAZ E ELECTRICIDADE — LISBOA — MEDALHA DE BONS SRVIÇOS — AE — 30 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1937 — JUNTA NACIONAL DO VINHO — MEDALHA PARA CONCURSO «O MELHOR VINHO» — AE — 45 mm.
- 1937 — JUNTA NACIONAL DO VINHO — Prova do anverso da medalha do concurso «O MELHOR VINHO» — AE — 44 mm.
- 1937 — Comemorativa do QUARTO CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DE OLINDA, NO ESTADO DE PERNAMBUCO — BRASIL — PELO PORTUGUÊS DUARTE COELHO — BR — 52 mm.
- 1938 — COMPANHIA PREVIDENTE — 40 ANOS DE TRABALHO — AR — 40 mm.
- 1938 — NOSSA SENHORA DO CABO ESPICHEL — FREGUESIA DE S. PEDRO DE SINTRA — Festejos realizados em 1937-1938 — laço de fita azul e amarela — Alumínio — 23×30 mm.
- 1938 — Comemorativa do PRIMEIRO CENTENÁRIO DA ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA — ACADEMIA POLITÉCNICA — AE — 80 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1939 — DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR — HOMENAGEM DOS HOLANDESES EXILADOS EM PORTUGAL DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL — BR — 95 mm — *M. P. J. FLEUR*.
- 1939 — DR. ANTÓNIO MARTINS — TIRO — PROVA DA INAUGURAÇÃO EM JULHO DE 1939 — AE — 31 mm.
- 1940 — ARSENAL DO ALFEITE — Comemorativa da construção do navio hidrográfico «D. JOÃO DE CASTRO» — BR — 60 mm — *MARCELINO NORTE DE ALMEIDA*.
- 1940 — Comemorativa do duplo centenário — VIII e III CENTENÁRIOS — 1140 FUNDAÇÃO DE PORTUGAL e 1640 RESTAURAÇÃO — BR — 90 mm — *JOÃO DA SILVA*.
- 1940 — Comemorativa do duplo centenário — VIII e III CENTENÁRIOS — 1140 FUNDAÇÃO DE PORTUGAL e 1640 RESTAURAÇÃO — (Cópia do Monumento ao Infante D. Henrique construído em Belém, quando da Exposição do Mundo Português) — AR — 20×30 mm — Feitio de um selo de correio.

ACTIVIDADE CULTURAL

do terceiro trimestre de 1964

A 5 de Julho visitaram os «Amigos» a Igreja da Madre de Deus e o Museu do azulejo (em organização). Orientou a visita o nosso sócio n.º 125, Sr. Eng. João dos Santos Simões, que dirige e está organizando o respectivo Museu e que depois de uma erudita palestra sobre a Igreja, Convento e seu recheio, obra da fundadora das Misericórdias a Rainha D. Leonor, acompanhou os numerosos visitantes aos claustros e salas, onde se expõem muitos exemplares de azulejos antigos, de que sobressaem o admirável painel com a perspectiva da cidade, e que esteve exposto no átrio do Museu das Janelas Verdes. Seguidamente os visitantes dirigiram-se a S. Vicente, onde acompanhados pelo Sr. Rodrigues Pereira e pelo Reverendo Prior, o nosso consócio Padre José Correia da Cunha, apreciaram os objectos encontrados nas escavações feitas na cripta do Convento de S. Vicente de Fora.

A 16 do mesmo mês, às 22 horas, na sede, o Director Sr. Dr. Paulo Caratão Soromenho dissertou sobre o 1.º volume dos *Contos Populares e Lendas*, coligidos pelo Prof. Doutor Leite de Vasconcelos: volume compilado e organizado pelo apresentante e por sua esposa, a Sr.ª Dr.ª Alda da Silva Soromenho. O texto desta comunicação vem publicado neste número de OLISIPO. Antes, junto com a apresentação do conferente, o signatário que presidia apresentou uma série de

autógrafos, sua propriedade, do Prof. Leite de Vasconcelos e bem assim alguns exemplares das suas obras sobre numismática com dedicatórias autógrafas.

A 26, ainda de Julho, em 3 autocarros e vários automóveis, os «Amigos de Lisboa» deslocaram-se ao Castelo de Almourol em visita de estudo. Antes do almoço, realizado à beira do rio, foi visitado o Castelo e as suas instalações. Acompanharam os visitantes além do signatário os Srs. Prof. Doutor Raúl de Carvalho, Dr. Caratão Soro-menho e Dias Pereira, directores do Grupo. O regresso fez-se pela Barragem do Bode, Tomar e Santarém.

Para finalizar a actividade cultural antes de férias, em 1 de Agosto esteve exposta na sede do Grupo uma colecção de mais de uma centena de almanaques lisboetas, editados pelos jornais *Diário de Notícias*, *Século*, *Mundo*, *Ocidente*, *Revista Universal Lisbonense*, etc., que despertou grande interesse no público e a que a Imprensa se referiu largamente. A exposição incluía meia centena de Almanagues Borda de Água.

O Director Dr. Alberto Gomes leu, na altura, as palavras seguintes redigidas pelo Secretário-Geral, impedido de comparecer:

Já em 1957 o Grupo, ao entrar no XXI aniversário de OLISIPO, promoveu uma exposição de Almanagues Lisboetas. Expôs, como então se referiu, cerca de 500 exemplares, seus e de vários sócios. Como então, agora expõem-se outros, devido a amáveis ofertas. É o caso.

O meu colega, duplamente colega, na profissão e na direcção desta Casa, o Sr. Dr. Alberto Gomes, ofereceu-me vários almanaques antigos, entre eles, vários *Borda de Água*. Juntei-os aos que ainda me restam, os sobejos do que em 1957 ofereci ao Grupo, e pedi-lhe licença, amavelmente concedida, de oferecer ao Grupo, os que a nossa colecção não possuísse.

Deu-se a esta Exposição o aspecto particular de, além dos *Borda de Água*, expor os almanaques editados por empresas de jornais lisboetas e assim verão V. Ex.^{as} almanaques dos jornais *Diário de Notícias*, *Século* e *Mundo*, entre os contemporâneos, e *Ocidente*, *Revista Universal*, etc., dos antigos.

Razões prementes impedem-me de ser eu próprio a apresentar os exemplares expostos e a cumprimentar V. Ex.^{as}, mas Deus escreve direito por linhas tortas, e assim é o maior contribuinte para esta Exposição, que me vai dar a honra de obsequiosamente ler estas palavras a V. Ex.^{as}, o que eu muito lhe agradeço. Aproveito o ensejo para as minhas homenagens do muito apreço que merece.

Em 21 de Setembro, pelas 18 horas, em visita especialmente preparada pelo Grupo «Amigos de Vila Viçosa», deslocaram-se à sede do S. N. I. os «Amigos de Lisboa» em visita a cerca de quinhentas magníficas fotografias que constituem a exposição «Monografia Foto-

gráfica de Vila Viçosa», da autoria do artista calipolense Bonfilho Faria. À exhibição, e recebendo os visitantes — mais de cem sócios acompanhados pelos Directores Eng. Júlio Eduardo dos Santos, Dr. Paulo Caratão Soromenho, Hugo Raposo, e o signatário — estavam o Presidente do Grupo «Amigos de Vila Viçosa», Sr. Cunhal de Almeida, o Presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa, Eng. Bento Charrua e o Secretário Sr. D. Francisco de Avilez. Serviu de amável e erudito cicerone o Prof. Arq. Carlos Ramos, ilustre director da Escola de Belas Artes do Porto, que eruditamente dissertou sobre a arte de construção alentejana e sobre o tipo das construções de Vila Viçosa, tendo com o artista-expositor acompanhado os visitantes através do



certame. Usaram da palavra, em seguida, o signatário a agradecer as amabilidades de todos e as palavras de cumprimento do amável cicerone, e o Eng. Bento Charrua a agradecer a visita.

Foi uma bela tarde de arte que extra-programa os «Amigos de Lisboa» tiveram.

E. N.

NOTA — Por ter chegado atrasada e ter interesse documental, neste número se publica uma fotografia da Exposição sobre a Torre de Belém da colecção do Sr. Comodoro Alfredo Motta, Director da Biblioteca Central de Marinha.

OFERTAS

Do sócio n.º 40, Hugo Raposo:

Uma fotografia emoldurada de um quadro a óleo, de que é proprietário e feito por sua encomenda, com os retratos dos mestres lisiponenses Júlio de Castilho, Vieira da Silva e Matos Sequeira. O quadro mede 1,49×0,95 e as dimensões exteriores da moldura oferecida com a fotografia são 0,32×0,235.

Do sócio n.º 275, Dr. Alberto Gomes e

Do sócio n.º 27, Doutor Eduardo Neves, a maior parte dos exemplares apresentados na Exposição de Almanagues realizada na nossa sede em Agosto último. A saber:

Os exemplares dos almanagues editados pelos jornais *Diário de Notícias*, *Século*, *Mundo* e numerosos exemplares do *Almanaque Borda de Água*, e ainda o *Almanaque do Gabinete dos Reporters* (1899), *Jardim do Povo* (1868), do *Trinta* (1889), *Revista Universal Lisbonense* (1853), *Taborda* (1867), *Luís de Araujo* (1887).

Do sócio n.º 275, Dr. Alberto Gomes, além da maioria dos almanagues acima citados, mais:

Album Oblongo do Cortejo Histórico das Viaturas de Bombeiros — Lisboa, 11-6-934.

Programa das Festas da Cidade em Junho de 1935.

Programa das Festas de Lisboa, 1934.

Roteiro do Cortejo do Mundo Português — Lisboa, Junho de 1940.

Portugal — Oito Séculos de História — Lisboa, 1940.

Programa Oficial de Comemorações Centenárias — Lisboa, 1940.

14 números da Revista *Ver e Crer*.

15 » » » *Objectiva*.

9 » do Magazine *Bertrand*, 1927.

Da sócia n.º 3492, Ex.^{ma} Sr.^a D. Christina Bérens Freire, os livros de sua autoria:

Rosário dos meus cuidados.

Tentando voar mais alto...

E o tempo vai passando...

Da sócia n.º 3195, Ex.^{ma} Sr.^a D. Ludovina A. Pereira Rodrigues Bastos:

Almanaque de Santo António, para 1942.

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.^a livros sobre todos os assuntos escritos nas principais línguas europeias

Damos informações bibliográficas e aceitamos encomendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo 70 • Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

Secção de revenda e armazéns Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2



Feira da Ladra



FICHEIRO

15. A «Banda da Carris»

Lisboa já teve bastantes bandas civis. Foram diversos os factores que levaram ao seu desaparecimento, mas das poucas existentes, a Banda de Música dos Empregados da Companhia Carris de Ferro de Lisboa é uma honrosa representação.

Em 1928 surgiu entre o pessoal da «Carris» um grupo de elementos afeiçoados à música, que com raro entusiasmo tomaram a iniciativa de constituir um agrupamento musical que realizou alguns concertos; eram movidos pelo propósito da angariação de fundos para ajudar uma escola primária para os filhos dos empregados, a qual era mantida pelo pessoal das *bilheteiras* e do *movimento*, sendo justo recordar-se José dos Santos, um dos fundadores e o primeiro sócio da «Banda».

Rapidamente a ideia tomou vulto, e em 1929 surgia a *Banda de Música dos Empregados da Companhia Carris de Ferro de Lisboa*, com uma esfera de acção mais ampla, pois além do culto da divina arte dos sons, associaram-lhe os seus pioneiros a ideia mutualista e o propósito da cultura literária.

Neste aspecto destaca-se a «Biblioteca João Ribeiro de Azevedo» — nome de um camarada de trabalho — hoje constituída por centenas de obras valiosas, mas iniciada com as obras de um filho do patrono, também já falecido, ofertadas à Banda por sua mãe.

Constituída inicialmente por 52 elementos, a Banda teve como seu primeiro maestro o sr. José da Silva Marques.

Instalada numa dependência da Companhia, entre as ruínas do histórico Convento do Carmo e o velho edifício do Liceu, onde hoje funciona a Escola Comercial Veiga Beirão, ali mantém, a par da biblioteca, as suas aulas de música e um (já pequeno) salão destinado aos ensaios.

16. Os Marialvas de S. Cristóvão

Em 29 de Julho de 1939 constituiu-se em Lisboa um grupo de saudosistas do velho *fado fora de portas* — «Os Marialvas de S. Cristóvão».

Movia-os o propósito da realização de almoços trimestrais, em retiro aprazível, e no qual participassem alguns elementos fadistas.

Porém, quando da realização do seu segundo almoço, outro propósito surgiu, e logo se estabeleceu que «Os Marialvas» teriam de pagar duas quotas distintas: uma para a realização do almoço e outra para beneficência, tendo esta ainda outras

fontes de receita que viessem a ser criadas.

Assim tornaram possível uma acção em benefício das crianças necessitadas, tendo desde então vestido e calçado algumas centenas delas, o que corresponde ao investimento de algumas dezenas de milhares de escudos.

As peças de vestuário são confeccionadas por senhoras da grande família «Marialva» e o próprio calçado não é de tipo uniforme, evitando que as crianças sejam vestidas de igual.

Um dos seus passeios deu brado e a Imprensa diária assinalou o facto com merecido relevo.

Em 1943 os dirigentes da simpática colectividade lutaram com sérios embaraços para resolver o problema dos transportes, quando da realização do almoço já próximo.

O racionamento dos combustíveis estava na base dessa dificuldade, mas «Os Marialvas» estudaram o seu problema, e certa manhã, despertando a curiosidade popular, partiram do Poço do Borratém em tipóias em direcção à Quinta de S. Vicente, onde teve lugar o tradicional almoço.

17. Futebol Clube Monte Pedral

Na Rua Josefa de Óbidos n.º 17, no populoso bairro da Graça, está instalada a sede do Futebol Clube Monte Pedral, fundado em 6 de Julho de 1937 por um grupo de amigos, desejosos de aproveitar os domingos com a prática do futebol.

Actualmente, mercê dos encargos financeiros que demanda, a prática do futebol está posta de parte, cingindo-se as actividades desportivas do clube ao handebol, voleibol, basquetebol e ténis de mesa.

Dedicam-se também ao campismo e criaram uma biblioteca que conta algumas

dezenas de boas obras, registando um bom número de leitores no sistema de leitura domiciliária.

Zacarias da Silva

Talvez as casas mais velhas da Avenida da Liberdade

Feira da Ladra! Quem teria sido o inspirado autor do título desta secção? É nela que eu me sinto à vontade, perto de mim mesmo, como diria um existencialista. Na Feira da Ladra, freguês ou vendeiro, a comprar ou mercadejar, namorando objectos velhos, às vezes antigos, avaliando antiguidades novinhas, respirando juntamente com o pó do chão o pó dos séculos, sentindo a própria emoção correr no mar da fantasia entre estilos de arte e haustos de posse — assim se arquitectam páginas da História, assim se adquire lixo, uma jarriinha muito jarreta, uma má pintura em boa madeira carunchosa, mas onde o bicho morreu de senilidade, deixando a nossa imaginação a vibrar apaixonada. As tentações mais ou menos desventurosas, que rodeiam uma merca nas feiras da ladra, são mesmo assim o deleite para o freguês, ele mesmo ferro-velho nato, que para o vendedor é afinal a nata dos compradores.

Aconteceu, em um dia já distante, o caso que vamos citar. Um Senhor, é sempre a Senhores que estas aventuras sucedem, parou embasbacado diante de um portal de um jardim, acesso para uma casa apalaçada. Esta estava em transes de liquidação. A almoeda fora realizada. Um montão de lixo atestava o quanto os residentes da bela casa prezavam a boa leitura: jornais, gravuras, folhetos, ilustrações, magazines, toda a sorte de papelada, velha, amarrotada e rasgada,



preciosidades tais como fotografias e manuscritos; um eldorado que o observador não podia distinguir e menos tanger!

Tudo aquilo era lixo, lixo de gente fina, mas intangível. Revistar, fazer a análise, procurar a raridade, mas como?

A porteira, a Senhora Porteira, fiel depositária de todas aquelas gemas, viu o desespero triste do mendicante observador, condeu-se e em prejuízo da carroça do lixo, concedeu ao Senhor o direito da primazia na escolha. Ao de cima estava uma fotografia, forrada de cartão, quebrada em um canto, suja mas conservando a nitidez que permitiu imediata compreensão das imagens. Era um aspecto da Avenida da Liberdade doutros tempos. Era pois uma antiguidade. A expressão de ganância do Senhor correspondeu a

porteira com a generosidade da oferta. É essa fotografia que apresentamos hoje aqui.

O arqueólogo improvisado olhou melhor, julgou ver a Avenida da Liberdade em um primeiro aspecto, um coreto para músicos, dois prédios bem marcantes na sua arquitectura, viu mesmo aspectos doutras construções que já não existem. Rejubilou e bem disse do seu espírito adeleiro.

Vejamos nós tranquilamente a fotografia:

Em primeiro plano dois prédios de casas de que se podem observar os andares a partir do primeiro. As árvores ocultam os andares de baixo. Nesse plano há uma imagem desfocada que pode ser de um repuxo decorativo, dalgum lago

que por ventura tenha existido ali. No mesmo plano está um coreto, tecto quadrado a encobrir algumas das janelas do prédio, que nos interessa conhecer, e que nos mostra 24 janelas terminadas em bico nos três andares mais baixos; há ainda um 4.º andar onde a parte central é ocupada por uma espécie de mansarda com 3 janelas para uma varanda corrida. No telhado há ainda duas miseráveis águas-furtadas. Ao lado deste prédio há um outro de três andares, de construção menos pretensiosa: no 1.º, 4 janelas de sacada, vidraças todas catitas; no 2.º, janelas de peito, guilhotina; no andar superior grande mansarda com 2 janelas para uma sacada. Numa como noutra destas casas, telhas portuguesas de canudo. Formando a esquina para a Avenida da Liberdade e Rua da Conceição da Glória está mal definido um telhado que corresponde a uma casa de um só piso. Na rua que sobe e que já citámos distinguem-se bem outras edificações residenciais. É sucintamente o que salta aos olhos nesta velha fotografia.

E, porque nos interessa ela? Serão estes prédios anteriores ao começo da construção da Avenida ou serão eles coevos da urbanização resultante da demolição do Passeio Público? As pesquisas indicadas como indispensáveis para fazer a história destas propriedades nas conservatórias e repartições da Fazenda Pública, bem como nos arquivos camarários, não nos foram possíveis, dados os que-fazeres do pessoal das respectivas repartições e a insignificância do pesquisador. Saber a data de inscrição de cada um nas matrizes e a quem pertenceram era tudo. Na entrada da casa maior há um átrio que corresponde à porta central que dá para a rua e é iluminada por duas janelas. Neste átrio, que é muito vasto, há um arco que está a marcar o início da escada e no centro do arco há bem em

evidência e emoldurado por 4 linhas em rectângulo a seguinte inscrição: N.º/Cal-leia/e/B. M. A. A./1856. Tudo isto em 5 linhas bem em evidência, mas nada deixando perceber da sua significação. Como charada fica reservada aos iluminados e a nós resta deixar a hipótese de que essa data seja a da construção do prédio que ali estivesse antes deste, que terá sido dos primeiros da grande remodelação do vale, onde esteve o Passeio Público.

Este prédio que tem três portas numeradas 63-65-67 dá a entrada aos inquilinos pelo 65; os outros dois correspondem: o do lado sul à pastelaria Veneza e o do outro lado a uma casa de reparações de automóveis, tendo já estado ali, em bons tempos, a vacaria do Conde da Guarda, grata recordação dos meninos de há cinquenta anos que lá iam ver as vaquinhas e beber um copo de leite cru e puro. No 1.º andar está instalada a Ordem dos Médicos, sucessora da Associação dos Médicos.

O outro prédio, o vizinho do lado sul, cujas portas têm os números 59 e 61, faz a esquina com a Travessa da Glória e tem como estabelecimento comercial a pastelaria Baiana. Nada sabemos dos inquilinos dos andares nem do senhorio. Os dois prédios pertencem ao 6.º Bairro Fiscal.

Aos nossos consócios mais pacientes e menos preguiçosos transmitimos a missão de esclarecer todos estes mistérios, de forma a apurar se as construções são ou não contemporâneas do Passeio Público.

Em Julho de 1879, Rosa Araújo começou metódicamente a demolir e a construir, urbanizando e ajardinando. Foram-se as barracas e as grades, foram-se as montureiras e as ruínas, todo o triste quadro que emoldurava o recinto de festas e elegâncias que vinha da época do Marquês de Pombal. As casas em estudo aqui

estão no alinhamento de todas as outras da Avenida que nós conhecemos. Podem ter sido elas as primeiras. A da esquina é nitidamente pombalina, mais antiga que a outra. No lado direito da fotografia vêem-se as edificações da Rua da Conceição da Glória, bem como a do gaveto da Avenida, tudo velho e antigo.

Tudo isto, que nos prendeu a atenção e nos deu tema para estudo, é pretexto para o nosso quixotismo se alarmar perante o perigo iminente da demolição, da *demolição por utilidade pública*. S. O. S. pois.

Linda-a-Velha, Agosto de 1964.

Dr. Gilberto Monteiro

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●
**Rua Augusta, 161 - Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA**

**Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO**

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

ÍNDICE

DO 27.º VOLUME

1964



	Pág.
Acção Cultural em 1963, por <i>E. N.</i>	44
Actividade Cultural do Último Trimestre de 1963, por <i>E. N.</i>	36
Actividade Cultural do Primeiro Trimestre de 1964, por <i>E. N.</i>	88
Actividade Cultural do Segundo Trimestre de 1964, por <i>E. N.</i>	151
Actividade Cultural do Terceiro Trimestre de 1964, por <i>E. N.</i>	227
Albergue dos Inválidos do Trabalho, por <i>E. N.</i>	144
Algumas Considerações sobre a Evolução Construtiva da Torre de Belém, por <i>Carlos A. Mamede (Fonseca Benevides)</i>	103
Apresentação do Primeiro Volume dos «Contos Populares e Lendas», coligidos pelo Doutor Leite de Vasconcellos, pelo <i>Dr. Paulo Caratão Soromenho</i>	181
O Bairro Alto de Ontem e de Hoje, por <i>Teodoro Lopes Lamos</i>	190
O Carnaval de Outros Anos na Imprensa Diária de Lisboa, por <i>Fernandes da Silva</i>	68
Catálogo da Colecção de Medalhas, pertencentes a Arménio da Cunha Mendonça	197
Convocação da Assembleia-Geral	39
Corpos Gerentes para o Triénio de 1964-1967	85
Dadores de Sangue	6, 52 e 102
Um Documento Olisiponense de 1824, pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i>	175
Evocação dos Escritores Lisboetas Cardoso Gonçalves e Cruz Magalhães no Centenário dos Seus Nascimentos, pelo <i>Eng. Júlio Eduardo dos Santos</i>	116
A Fábrica de Louça de Alcântara, pelo <i>Doutor Gilberto Monteiro</i>	72
Feira da Ladra... ..	40, 92, 155 e 232
A Igreja Paroquial de S. Pedro em Alcântara: Achegas para a Sua História, pelo <i>Brigadeiro Dr. Meyrelles do Souto</i>	15
† José Francisco de Oliveira	5
Lisboa, soneto por <i>Christina Bérens Freire</i>	150
Luís da Costa Monteiro, o Primeiro Professor de Educação Física, pelo <i>Doutor Gilberto Monteiro</i>	55
Mais um Ano, por <i>E. N.</i>	3
Minha Terra, versos por <i>Laura de Aviz</i>	53
Nossa Senhora da Penha de França na Evocação Marítima, pelo <i>Comandante Jayme do Inso</i>	167

Notas sobre o Sítio de Pedrouços, pelo <i>Doutor Gilberto Monteiro</i>	22
Nótula Antoniana, por S.	35
Nótula sobre a Fábrica de Louça de Alcântara, por <i>E. N.</i>	146
Ofertas ao Grupo... ..	48, 154 e 230
Parecer da Comissão de Contas, Relativo ao Exercício de 1963	83
Uma Peça Turca Quinhentista em S. Julião da Barra, pelo <i>General Pereira do Valle</i>	7
Poesia Olisiponense	54
Relatório da Junta Directiva, Relativo ao Ano de 1963 e Triénio de 1961-1963	77
Ronda Evocativa através de Um Quarto de Século, por <i>Teodoro Lopes Ramos</i>	177
Santo António de Lisboa, desenho do <i>Arquitecto Eduardo Martins Bairrada</i>	34
Sócios entrados de Junho a Dezembro de 1963	47
Sócios admitidos no 1.º semente de 1964... ..	160
Uma Tentativa para se Conseguir a Tradução das Incrições da Peça Turca de S. Julião da Barra, por <i>Carlos Pereira Callixto</i>	65
† Teodoro Lopes Ramos	51
Velhos Tempos, pela <i>Dr.ª Ana-Maria Pereira da Gama</i>	135
XXVII Aniversário de «OLISIPO»	91

Capas — desenhos de *J. A. Videira*:

N.º 105 — Igreja Paroquial do Lumiar

N.º 106 — S. Vicente de Fora

N.º 107 — Charneca do Lumiar

N.º 108 — Palácio Palmela, ao Lumiar

Vinhetas: de *Figueiredo Sobral* e *J. A. Videira*

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



	PREÇOS	
	Sócios	Público
VÁRIA		
* Evocação do Café Martinho... .. .	esgotado	
* Noite de evocação do Leão de Ouro... .. .	13\$50	15\$00
* Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
* Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins... .. .	esgotado	
* Olisipo (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
* Evocação do Café-Restaurante Tavares	esgotado	
* Jantar de Confraternização na Casa do Leão	»	
* A cor de Lisboa	13\$50	15\$00
ENG. A. VIEIRA DA SILVA		
* O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
* A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
* Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa... .. .	esgotado	
* Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa... .. .	13\$50	15\$00
DR. ALFREDO DA CUNHA		
* Olisipo berço do periodismo português... .. .	13\$50	15\$00
ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO		
Algumas Achegas para a História da Defesa de Lisboa... .. .	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe... .. .	esgotado	
A Torre do Bugio... .. .	18\$00	20\$00
DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA		
Dicionário Excêntrico... .. .	36\$00	40\$00
DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO		
O Enigma de Lisboa	7\$00	7\$50
ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA		
* A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão... .. .	13\$50	15\$00
* O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
* Ronda e Silva de Lisboa Velha... .. .	9\$00	10\$00
* Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00
* Edição do Grupo.		

	PREÇOS	
	Sócios	Público
DOUTOR EDUARDO NEVES		
Uma recordação sebástica no Sítio da Luz		esgotado
Um arcebispo Primaz... ..		»
João Alberto Pereira de Azevedo Neves		»
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho... ..		»
* Ruínas do Carmo		esgotado
* Igreja da Penha de França... ..		»
* Faculdade de Medicina		»
Lisboa nos Ex-Líbris		»
Lisboa na Numismática e na Medalhística		»
O Convento dos Barbadinhos Italianos... ..		»
Do Sítio do Intendente		»
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa		»
Alocuções		»
* Homenagem a Matos Sequeira... ..		»
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00
Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837... ..		esgotado
A Propósito do 50.º Aniversário do Lançamento da Primeira Pedra do Edifício da Sociedade «A Voz do Operário»... ..		fora do mercado
F. A. GARCEZ TEIXEIRA		
* A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
FRANCISCO LEITE DE FARIA		
Lisboa e S. Lourenço de Brindes	13\$50	15\$00
Alvoroço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio... ..	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou... ..	13\$50	15\$00
FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS		
O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00
DR. GILBERTO MONTEIRO		
Esboço histórico do Hospital de Belém		esgotado
D. Gilberto	13\$50	15\$00
GODOFREDO FERREIRA		
Um ricaço lisboeta do século XVII		esgotado
GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA		
* Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00
HENRIQUE LINHARES DE LIMA		
Vultos e sombras medievais... ..	45\$00	50\$00
HUGO RAPOSO		
Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo... ..	9\$00	10\$00
Norberto de Araújo e o Inventário de Lisboa		esgotado

* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos	esgotado	
JOÃO MONTEIRO		
* Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa... .. .	13\$50	15\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870... .. .	esgotado	
ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Estoril, 1960... .. .	9\$00	10\$00
Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira — Primavera de 1962	18\$00	20\$00
Catálogo [ilustrado] da Exposição Iconográfica e Bibliográfica de Santo António — Estoril, 1963	18\$00	20\$00
DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO		
* O Convento de N. S. dos Remédios — Convento dos Marianos, sua história e seus mausoléus	esgotado	
LUÍS MOITA		
* A Ermida de Santo Amaro... .. .	esgotado	
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses... .. .	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa»	12\$50	12\$50
LUÍZ PASTOR DE MACEDO		
* Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00
LUÍS TEIXEIRA		
O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$00	5\$00
DR. MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto	9\$00	10\$00
Lisboa Oriental	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
MÁRIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	36\$00	40\$00
O Sítio de Santo Amaro... .. .	esgotado	
Duas facas de mato notáveis	»	
* Edição do Grupo.		

	PREÇOS	
	Sócios	Público
MÁRIO COSTA		
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra... ..		esgotado
A Igreja de S. Julião e o seu Patrono — Uma freguesia que Lisboa perdeu		»
No Centenário da Morte de El-Rei D. Pedro V... ..	18\$00	20\$00
O Simbolismo do Ramo de Louro	18\$00	20\$00

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO		
* A Igreja da Conceição Velha		esgotado
* A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de S. ^{ta} Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira, de Lisboa... ..	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda... ..		esgotado

NORBERTO DE ARAÚJO		
* Pequena Monografia de S. Vicente... ..	9\$00	10\$00

NUNO CATHARINO CARDOSO		
Infante D. Henrique — Nótulas históricas	9\$00	10\$00

PROF. PEDRO JORGE PINTO		
A Acrópole de Lisboa (litografia de arte)	135\$00	150\$00

RUY DE ANDRADE		
* Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina... ..	9\$00	10\$00

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ		
Subsídios para a Heráldica Tumular Moderna Olisiponense ...	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00

ROBERTO DIAS COSTA		
A Paróquia de S. Jorge de Arroios		esgotado

TINOP		
* Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. cada	13\$50	15\$00

* Edição do Grupo.

LISBOA

é linda



**OS SEUS
MIRADOUROS
TOCAM O CÉU**





TRADIÇÃO E PROGRESSO



BANCO BORGES & IRMÃO

